

# Todo *meu caminho* diante de mim

*Tradução:*

Francisco Nunes

Título original: *All My Road Before Me*

Copyright © 1991 by C. S. Lewis Pte. Ltd. Foreword copyright © 1981 by Owen Barfield.  
Edição original por HarperCollins *Publishers*. Todos os direitos reservados.

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seus autores e colaboradores diretos, não refletindo necessariamente a posição da Thomas Nelson Brasil, da HarperCollins Christian Publishing ou de sua equipe editorial.

Publisher *Samuel Coto*  
Editores *André Lodos Tangerino e Bruna Gomes*  
Produção editorial *Brunna Prado*  
Preparação *Clarissa Melo dos Santos*  
Revisão *Davi Freitas e Brunna Prado*  
Diagramação *Sonia Peticov*  
Capa *Rafael Brum*  
Produção de ebook *S2 Books*

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

L76c

Lewis, C. S. (Clive Staples), 1898-1963

Todo meu caminho diante de mim / C. S. Lewis; tradução de Francisco Nunes. — 1.ed. — Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

640 p.

Tradução de: *All My Road Before Me*

ISBN 9786556890258

1. Biografia — diário. 2. Cristianismo. 3. C. S. Lewis. I. Nunes, Francisco. II. Título.

5-2020/39

CDD: 920.9  
CDU: 929.012

Thomas Nelson Brasil é uma marca licenciada à Vida Melhor Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Vida Melhor Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro

Rio de Janeiro — RJ — CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

[www.thomason.com.br](http://www.thomason.com.br)

Copyrighted image

Clive Staples Lewis (1898–1963) foi um dos gigantes intelectuais do século XX e provavelmente o escritor mais influente de seu tempo. Era professor e tutor de literatura inglesa na Universidade de Oxford até 1954, quando foi unanimemente eleito para a cadeira de Inglês Medieval e Renascentista na Universidade de Cambridge, posição que manteve até a aposentadoria. Lewis escreveu mais de 30 livros que lhe permitiram alcançar um vasto público, e suas obras continuam a atrair milhares de novos leitores a cada ano.

Copyrighted image

Capa

Folha de rosto

Créditos

Todo meu caminho diante de mim

Nota sobre a edição brasileira

Prefácio

Introdução

O diário

1922

Abril

Maio

Junho

Julho

Agosto

Setembro  
Outubro  
Novembro  
Dezembro

1923

Janeiro  
Fevereiro  
Março  
Abril  
Maio  
Junho  
Julho  
Agosto  
Setembro  
Outubro

1924

Janeiro  
Fevereiro  
Março  
Abril  
Maio  
Junho  
Julho  
Agosto

1925

Fevereiro

Março

Agosto

Setembro

1926

Abril

Maio

Junho

Julho

1927

Janeiro

Fevereiro

Março

Epílogo

Apêndice biográfico

Apêndice do Magdalen College

Todo meu caminho diante de mim

Trilogia Cósmica

Embora C. S. Lewis seja um dos autores mais prolíficos da história, com contribuições diversas nos campos teóricos e literários, ele levou anos para desenvolver sua voz como escritor. Este diário acompanha sua fase inicial, período em que ele começava seus estudos em Oxford e ainda amadurecia seu estilo de escrita e suas referências teóricas.

Já nesse período, o leitor pode perceber como Lewis era culto. Ele devorava livros, que foram seu amor ao longo da vida e a base de seu trabalho como estudioso e escritor. Naturalmente, sua obra deixa transparecer a variedade de referências, contendo camadas com centenas dos grandes livros da história escondidos nas palavras do autor.

Os registros dos cadernos aqui apresentados (que vão de 1922 a 1927) possibilitam ao leitor formar um senso único de Lewis de maneiras que podem ajustar em sua mente a imagem do homem e do escritor, ajudando a descobrir os padrões de pensamento de Lewis fora do ensino formal e da escrita.

Para que o leitor realmente encontre Lewis, tivemos a preocupação de não interferir no texto com alterações que comprometessem a forma original. Por isso, procuramos conservar as abreviações e até mesmo alguns erros ortográficos que não comprometessem o sentido da frase. Também mantivemos o uso de maiúsculas desnecessárias com a intenção de manter a autenticidade e o sabor do texto lewisiano.

Por idêntico motivo, não alteramos a estrutura das frases — mesmo em casos que geram estranhamento ou parecem pouco corretos — a não ser que a clareza do pensamento estivesse comprometida.

Sempre que possível, explicamos através de notas de rodapé conceitos que aparecem no livro, assim como os autores e obras mencionados. Contudo,

muitas referências podem ter ficado de fora, já que é impossível mapear com precisão todo o intrincado de pensamentos que passavam pela cabeça do autor. Mas esse é justamente o desafio e a diversão de ler Lewis. Como J. R. R. Tolkien disse uma vez, à respeito de Lewis, ao biógrafo George Sayer: “Você nunca vai chegar ao fundo dele.” [\[01\]](#)



O próprio Lewis respondeu à primeira pergunta: por que dedicar a quantidade substancial de horas que serão consumidas para ler este registro meticuloso de uns poucos anos sobre ele quando ainda estava no limiar da carreira? Embora admitidamente intercalado com ocasionais comentários perspicazes sobre a vida e a literatura, a maior parte do diário é, de longe, um catálogo factual, muitas vezes repetitivo, de intermináveis tarefas domésticas e comezinhas, estudos acadêmicos e procura de emprego. Bem, na anotação de 20 de junho de 1923, ele observou:

(...) acho que a repetição do dia a dia ajuda a pessoa a ver o movimento maior e a prestar menos atenção a cada maldito dia em si.

Tal, creio eu, será a experiência desses leitores — e eles provavelmente serão a maioria —, que sentem um interesse especial não apenas no todo ou em parte do legado literário de C. S. Lewis, mas também em sua pessoa. Eles terão entrado na pele, por assim dizer, do jovem que ele foi de 1922 a 1927 de um modo tal que nenhuma outra informação ou reflexão poderia ter possibilitado.

A segunda questão é mais difícil: por que, uma vez que ele próprio já estava dentro daquela pele, Lewis encontrou tempo para manter um diário (com apenas algumas lacunas) ao lado das outras tarefas excessivamente numerosas e pesadas que conduzia? Lewis pensava que, em algum estágio posterior da vida, ele o leria para “ver o movimento maior”? Eu duvido muito. Anotações aqui e acolá registram a leitura do diário para a sra. Moore e, pelo menos uma vez, ela o repreendeu por não ter escrito por alguns dias. Minha suposição, portanto, e não é mais do que isso, é que aquelas leituras contemporâneas em voz alta foram o principal motivo de Lewis para manter o diário.

Acho estranho lembrar que, durante os primeiros anos, eu não tive qualquer indício de todo aquele pano de fundo familiar. Lewis era simplesmente um colega de graduação e, mais tarde, um amigo literário e filosófico. Lembro-me de ele me dizendo, em certa ocasião, que tinha de voltar para limpar o forno do fogão a gás, e eu considerei isso como algo que aconteceria muito raramente. Só a partir do diário vim a saber que uma parte substancial de seu tempo e energia eram consumidos para ajudar a administrar a casa da sra. Moore, e também quanto daquilo foi devido à sombra da extrema pobreza que pairou sobre eles até que finalmente Lewis obteve sua bolsa de pesquisador. Talvez seja relevante aqui lembrar que só a partir de alguma época nos anos 1940 que usamos nossos nomes de batismo. Antes disso, éramos Lewis e Barfield. Quando ele sugeriu a mudança, consegui lembrá-lo de que eu mesmo o fizera alguns anos antes, e ele judiciosamente recusou com base no fato de que nossa amizade era mais intelectual do que doméstica!

É claro que não é apenas em relação ao trabalho doméstico e às preocupações financeiras que o nome da sra. Moore — “D”, como Lewis a chamava e no diário a denomina — ocorre com tanta frequência. Uma das coisas que me faz saudar sua presença nesse impresso é que servirá muito para retificar a imagem falsa que dela foi pintada como uma espécie de madrasta venenosa e uma implacável mandona. É uma imagem que apareceu pela primeira vez em 1966 nas memórias introdutórias de *Letters to C. S. Lewis* [Cartas para C. S. Lewis], de W. H. Lewis, e reapareceu com frequência na prolífica literatura sobre C. S. Lewis que desde então foi publicada. Se ela impôs alguns fardos sobre ele, também o salvou de outros, tomando-os sobre si mesma apesar dos protestos dele. Além disso, ela estava profundamente preocupada em promover a carreira dele. Foi o que ocorreu em todos os eventos durante os cinco ou seis anos que o diário cobre. Esses anos foram seguidos por outros tantos que, de qualquer modo, para amigos e visitantes, pareciam ser de uma vida familiar normal e razoavelmente feliz. Lembro-me de mais de uma noite social bastante alegre em Hillsboro com os três: Lewis, a sra. Moore e Maureen, a filha dela — e aqui talvez eu possa dar alguma ajuda técnica ao leitor. Há várias misteriosas referências a um jogo de salão chamado “Boys’ Names” [Nomes de meninos], que às vezes era jogado nessas ocasiões. Era um jogo de lápis e papel. Alguém escolhia uma letra do alfabeto e a todos era dado um ou dois minutos para escrever o maior número de nomes de meninos em que poderiam pensar, começando com aquela letra. Pelo menos, era assim que se esperava que o jogo funcionasse na primeira vez em que era jogado. Os nomes de meninos, no

entanto, logo se esgotavam, e a prática era selecionar outra categoria: escritores famosos, capitais, rios, artistas, alimentos ou o que fosse. Certa vez, sugeri que um nome mais satisfatório para o passatempo seria “Categorias”, mas a tradição era forte demais e o nome antigo permaneceu.

Talvez eu tenha exagerado a preocupação dos apreciadores de diários com os problemas pessoais de Lewis, quer sejam acadêmicos ou familiares. Há muito mais. O amor pela natureza, por exemplo, que transparece nas inúmeras descrições de sua caminhada diária para casa e de quando visitava outras pessoas durante os feriados. Algumas delas me lembraram de relatos detalhados similares de passeios nos primeiros cadernos de Coleridge. <sup>[02]</sup> Era o amor de um pintor de paisagens ou de um poeta, e não de um naturalista, um deleite na paisagem, no impacto da natureza em seus sentidos em vez de alguma participação íntima nos acontecimentos secretos dela, como encontramos em Richard Jefferies, W. H. Hudson ou Konrad Lorenz. <sup>[03]</sup> Mas era nada menos que um profundo amor, e um amor que não estava desconectado daquela experiência elusiva sobre a qual ele mais tarde escreveria em *Surpreendido pela alegria*: <sup>[04]</sup>

Além da cerca havia um marrom rico e profundo. Fui realmente tocado pelo sentimento correto.

A pedra parecia mais macia em todos os lugares, os pássaros cantavam, o ar estava deliciosamente frio e fino. Eu tive uma espécie de agitação estranha e caí na verdadeira alegria.

Virei-me para a esquerda e, assim, passando pela grande samambaia, fui para meu pinheiral favorito, onde me sentei por um longo tempo e tive a “alegria” — ou melhor, tive apenas uma visão dela, mas ela não chegou.

Também não foi a visão o único dos cinco sentidos através dos quais esse amor poderia emergir:

Caminhei pelos campos até Stowe Woods depois do almoço, para ver se havia alguma flor lá em cima, mas não encontrei nenhuma. Tudo o que pude fazer no percurso de volta foi caminhar contra o vento ou manter os olhos abertos contra o sol. Do modo como se desfruta das violências da natureza até o momento em que elas se tornam dolorosas ou perigosas.

Confesso com alguma surpresa não ter encontrado referência a sua longa discussão comigo, mais tarde denominada em *Surpreendido pela alegria* como

“Grande Guerra”, já que ele deixa tão claro ali que esteve bastante preocupado com isso na última parte dos anos do diário. O mais próximo a que ele chega é uma anotação em 18 de janeiro de 1927:

Estava pensando sobre a imaginação, o intelecto e a confusão profana em que estou sobre eles no presente: fragmentos não digeridos de antroposofia e de psicanálise lutando com o idealismo ortodoxo sobre o pano de fundo do bom e velho racionalismo kirkiano. Senhor, que bagunça! E todo o tempo (comigo) existe o perigo de cair na maioria das superstições infantis ou de correr para o materialismo dogmático a fim de escapar delas.

Talvez não seja por acaso que o dia anterior registre: “Uma carta de Barfield dizendo que ele está no Air Hill e virá aqui — sempre uma boa notícia”.

Há, de fato, muito metal legível na grande massa informe de minério, além de seu valor como revelação pessoal: comentários incisivos sobre amigos, colegas, alunos; a luta contínua com seu poema narrativo *Dymer* e as esperanças e os medos por causa da qualidade intrínseca dele, bem como por seu possível sucesso; numerosas observações críticas tanto sobre escritores contemporâneos como sobre os muitos livros de diferentes períodos que ele estava lendo ou relendo para sua futura graduação em Língua e Literatura Inglesas. Por exemplo:

Depois disso, li o *Phantastes*, de Macdonald, enquanto tomava chá, o qual já li muitas vezes e que, na verdade, acredito preencher para mim o lugar de um livro devocional. Isso me deixou mais animado e me encantou.

Também li alguns Dryden na tentativa de descobrir o que ele quis dizer com sagacidade. Mas ele dá a isso um significado diferente a cada vez. Ele é o estranho caso de um homem que era apenas um poeta e nada mais — sem magnanimidade, sem conhecimento, sem poder de pensamento: apenas ritmo e prazer.

Reli algumas das melhores histórias de *O País dos Cegos e outras histórias*, de H. G. Wells. Nunca releia um antigo favorito sem descobrir que ele contribuiu com mais do que se suspeita para o repertório habitual de alguém.

Naquele dia, comprei *Amelia*, de Fielding, e comecei a ler. É estranho como uma sucessão tão monótona de infortúnios — na qual os contínuos ataques à inexpugnável virtude de Amélia se tornam ridículos —, lastrada com tal retórica malévola no diálogo pode se tornar palatável à força de puros poderes narrativos. O contador de histórias nato pode realmente fazer o que gosta na literatura.

Para certo tipo de humor, a prosa de Milton supera qualquer um que eu conheça. Ele abusa dela como um vendedor ambulante inspirado — como Falstaff.

Ou, de modo mais geral:

Nas pressões da conversa, descobri uma nova ideia minha que acho verdadeira: o que chamamos de “filosofia” desses romancistas modernos é um hábito que eles têm de vincular seus personagens ao que supõem serem grandes movimentos do *Zeitgeist* — como, por exemplo, a revolta da juventude nos romances de [Hugh] Walpole. Mas isso é realmente um artifício literário: paralelo ao cenário de rei e rainha de tragédias ou do sobrenatural — um meio de evitar o puramente privado e individual, de quem realmente não gostamos.

Esses são apenas alguns exemplos de muitos que poderiam igualmente ter sido escolhidos. Eles são suficientes, espero, para mostrar que, intercalados com a reportagem monótona, o leitor encontrará nas próximas páginas bastante escrita em que, se ainda não for o “vintage Lewis”, já podemos discernir, através da abundante folhagem, o vislumbre do desabrochar do amadurecimento.

OWEN BARFIELD [05]

Maior de 1990

Forest Row, Sussex

C. S. Lewis fez várias tentativas de manter um diário quando era menino, mas todas tiveram vida curta. Então, aos 23 anos, quando era estudante de graduação em Oxford, ele começou um novo diário em que usou mais de um quarto de milhão de palavras e que abrange os anos de 1922 a 1927. Esse era o Lewis pré-cristão, um ateu cujas objeções à fé foram ventiladas nessa tentativa. Ele perseverou porque não dizia respeito apenas à sua vida, mas também à de sua amiga, a sra. Moore. Várias vezes ele registra como se atrasou e como a sra. Moore insistiu em que ele retomasse a tarefa. Grande parte do conteúdo documental foi ditado pelo interesse dela em registrar os prazeres e as decepções causados pelos muitos que visitavam a casa em que viviam. E, como o diário deixa claro, a sra. Moore era sua principal audiência. Lewis costumava lê-lo em voz alta para ela, e ela podia vê-lo a qualquer momento. Assim, não obtemos um relato inteiramente desprotegido feito por Lewis da sra. Moore, mas aprendemos muito sobre o dia a dia dele.

Quando C. S. Lewis chegou a Oxford em abril de 1917, a Europa estava em guerra. Ele poderia ter reivindicado a isenção do serviço militar por ser irlandês. Mas Jack Lewis, como seus amigos o chamavam, acreditava que deveria ganhar o direito de estar na universidade passando pelo Corpo de Treinamento dos Oficiais (OTC, sigla em inglês) para o Exército. Lewis, que tinha dezoito anos na época, era um acadêmico do University College e, apesar do fato de a maioria dos edifícios estar sendo usada como hospital do Exército, ele gostava muito da companhia dos doze homens que ainda permaneciam lá. Embora Lewis estivesse no estágio de amar Oxford, ele se importava muito pouco com a Inglaterra como um todo. Não era, portanto, surpreendente que ele fosse especialmente atraído por outro irlandês em seu College, Theobald Butler. Um

dos efeitos de estar ao redor do pitoresco Butler, além de ficar “solenemente bêbado”, foi que Lewis se tornou nostálgico. [06] Escrevendo para seu amigo de Belfast, Arthur Greeves, [07] em 27 de maio, sobre uma conversa com Butler, disse: “Como todos os irlandeses que se encontram na Inglaterra, terminamos com críticas à invencibilidade e à fraqueza da raça anglo-saxônica. Afinal, não há dúvida, amigo, que os irlandeses são um povo único: apesar de todas as suas falhas, eu não teria prazer em viver ou morrer entre outras pessoas”. [08]

Ele certamente conseguiria o que desejava. Depois de apenas um semestre, o OTC exigiu que Lewis abandonasse seus aposentos no University College e se juntasse a um batalhão de cadetes no Keble College. Isso foi em 8 de junho de 1917, e aqui novamente ele se encontrou com outro de seus compatriotas. Seu colega de quarto era Edward Francis Courtenay “Paddy” Moore, que nasceu em Dublin e veio para o Keble do Clifton College, em Bristol. Lewis fez bons amigos no OTC, mas, desde o início, preferiu Paddy e sua família irlandesa. A mãe de Paddy, a sra. Janie King Moore, que tinha 45 anos nessa época, viera de Bristol com Maureen, a filha de onze anos, para ficar com o filho o maior tempo possível antes dele ir para o exterior. Lewis parece ter encontrado toda a família durante a primeira semana no Keble College, e a primeira menção à sra. Moore aparece em uma carta ao pai, Albert Lewis, [09] de 18 de junho: “Moore, meu colega de quarto, vem de Clifton e é um homem muito decente: sua mãe, uma irlandesa, está aqui, e eu a encontrei uma ou duas vezes”. Após uma semana de manobras militares em Warwick, ele escreveu ao pai em 27 de agosto dizendo: “Voltamos no sábado, e passei a semana seguinte com Moore nas atividades domésticas de sua mãe, que, como mencionei, está em Oxford. Gosto imensamente dela e me diverti de verdade”. [10]

Quando o curso no Keble College terminou, os homens receberam uma licença de um mês (de 18 de setembro a 18 de outubro) antes de ingressarem nos respectivos regimentos. A essa altura, Lewis e a família de Paddy gostavam tanto um do outro que Lewis desapontou muito o pai ao passar, desproporcionalmente, três semanas com os Moore e apenas a última semana em casa. Lewis tivera um resfriado febril e, assim que ele foi à casa dos amigos, na 56 Ravenswood Road, em Bristol, a sra. Moore insistiu que ele permanecesse na cama, pois cuidaria dele até que recuperasse a saúde. “Foi durante esse período”, Warren (“Warnie”) Lewis [11] escreveu mais tarde, “que se iniciou um relacionamento que teve um enorme e determinante efeito sobre o modo como ele viveu subsequentemente”. [12]

A sra. Moore era a filha mais velha de um clérigo da Igreja da Irlanda, o reverendo William James Askins (1842–1895), e de sua esposa, Jane King Askins (1846–1890). Ela nasceu em 28 de março de 1872 em Pomeroy, no Condado de Tyrone, onde o pai era um curador (1869–1872). O sr. Askins tornou-se vigário de Dunany, Condado de Louth, em 1872, e a filha foi batizada como Janie King na igreja de Dunany, em 21 de julho de 1872. Foi em Dunany, uma pequena aldeia na costa leste da Irlanda, entre Belfast e Dublin, que Janie cresceu. Seu pai foi o vigário lá até a morte, em 1895, e ele e a sra. Askins tiveram três filhos, William, John e Robert, e mais duas filhas, Edith e Sarah.

Em 1º de agosto de 1897, Janie casou-se com Courtenay Edward Moore, que, como ela, veio de uma família eclesiástica irlandesa. Ele era filho do cônego Courtenay Moore (1840–1922), reitor de Mitchelstown, no condado de Cork, e de Jessie Mona Duff (1843–1936). Courtenay nasceu em Dublin em 26 de junho de 1870 e, depois de quatro anos (1884–88) no Haileybury College, em Hertford, ele se formou no Trinity College Dublin, em 1893. Depois que ele e Janie se casaram, moraram em Dublin, onde ele era engenheiro civil. Paddy nasceu em 17 de novembro de 1898 e Maureen, em 19 de agosto de 1906. Não muito depois disso, Courtenay e Janie se separaram, sob circunstâncias e causas inteiramente desconhecidas para nós. Naquela época, na Irlanda, o divórcio era concedido apenas pelas causas mais graves, e é improvável que os Moore se encaixassem em uma delas. A sra. Moore foi morar em Bristol, onde seu irmão, dr. Robert Askins, era oficial médico do governo, e onde Paddy foi admitido no Clifton College, em maio de 1908. A sra. Moore geralmente se referia ao marido como “a Besta”, mas, a não ser pelas palavras desfavoráveis a respeito dele, ele procedia de duas boas famílias. Foi graças à mãe dele que Maureen herdou o título de baronete e tornou-se Lady Dunbar de Hempriggs, com um castelo e uma propriedade em Caithness, na Escócia.

É evidente que, nessas três semanas na 56 Ravenswood Road, Lewis saboreou ao máximo a hospitalidade proporcionada pela sra. Moore. Todos sabiam que não voltaria a ser assim por muito tempo, porque Lewis já havia sido enviado para a 3º Batalhão de Infantaria Leve de Somerset e Paddy, para a Brigada de Fuzileiros. E se os jovens não voltassem da guerra? Maureen tinha doze anos na época, e ela me disse há alguns anos que se lembrava de ter ouvido Lewis e seu irmão prometerem um ao outro que, se apenas um sobrevivesse à guerra, este cuidaria da mãe de Paddy e do pai de Lewis.



Lewis juntou-se a seu regimento em Crownhill, em South Devon, em 19 de outubro de 1917. Havia rumores de que seriam enviados para a Irlanda a fim de lutar contra o Sinn Féin, [13] e ficaram muito surpresos quando, em 15 de novembro, foi-lhes ordenado que seguissem para o *front* após uma licença de 48 horas. Lewis gastaria todo esse tempo para fazer uma viagem de ida e volta à Irlanda; assim, em 15 de novembro, ele correu para a casa da sra. Moore, em Bristol.

Dali, enviou o seguinte telegrama ao pai: “Cheguei a Bristol para 48 horas de licença. Apresento Southampton sábado. Você pode vir Bristol. Se sim, encontro na Estação. Resposta endereço sra. Moore 56 Ravenswood Road, Redlands, Bristol. Jack”. Para qualquer um naquele país, um soldado que se apresentasse em Southampton em 1917 só podia significar que estava sendo enviado para o exterior. Mas Albert Lewis telegrafou de volta: “Não entendi telegrama. Favor escrever”. Desesperado, Jack respondeu na manhã seguinte: “Enviado França. Apresentação Southampton 16h sábado. Se vier, telegrafe imediatamente”. [14] O sr. Lewis não veio. E Jack, depois de ser transferido para o 1º Batalhão de Infantaria Leve de Somerset, seguiu para a França em 17 de novembro.

Lewis chegou às trincheiras do *front* em 29 de novembro, seu 19º aniversário. Em fevereiro de 1918, ele teve “a sorte”, como disse, “de cair de cama com o que as tropas chamavam de ‘febre das trincheiras’ e os médicos, de POD (pirexia de origem desconhecida)”. [15] Isso significou tranquilas três semanas em um hospital em Le Tréport, durante as quais ele escreveu alguns dos poemas publicados em *Spirits in Bondage* [Espíritos em escravidão] (1919). Das cartas que escreveu a Arthur enquanto estava no hospital, fica claro que ele acreditava que seu velho amigo precisava saber que ele não havia sido substituído em sua afeição pela sra. Moore. “Devo admitir que o destino jogou de forma estranha comigo desde o inverno passado”, escreveu Lewis em 2 de fevereiro. “Sinto ter entrado de vez em uma nova época da vida e me sinto impotente sobre isso de maneira extraordinária [...] Quanto aos dias mais antigos de passeios reais longe nas colinas [...] Talvez você não acredite que eu quero tudo isso de novo, porque outras coisas mais importantes entraram em minha vida: mas, ainda assim, há espaço para outras coisas além do amor na vida de um homem.” [16]

Lewis voltou ao seu batalhão em Fampoux, em 28 de fevereiro. Ele foi um dos que enfrentaram o ataque alemão final na Frente Ocidental, e, em 15 de abril, foi ferido no Monte Bernenchon durante a Batalha de Arras. As baixas foram muito grandes, e, depois de chegar ao Hospital Liverpool Mobile Merchants,

em Etaples, soube que vários de seus amigos haviam sido mortos. Jack ainda estava em Etaples quando escreveu ao pai, em 14 de maio, dizendo: “Minha amiga, a sra. Moore, está com um grande problema: Paddy está desaparecido há mais de um mês e é quase certo que está morto. De todo o grupo de que eu fazia parte em Keble, ele foi o primeiro a sair, e é patético lembrar que, pelo menos, ele estava sempre certo de que iria voltar”. [17]

Lewis foi transferido para o Hospital Endsleigh Palace, em Londres, em 25 de maio. A partir do momento em que voltou para a Inglaterra, ele começou a implorar a seu pai para visitá-lo. Aqui, novamente, as memórias de Warren Lewis, a melhor coisa já escrita sobre C. S. Lewis, são muito úteis. “Meu pai era um homem muito peculiar em alguns aspectos”, disse ele; “em nenhum outro mais do que em um ódio quase patológico de dar qualquer passo que envolvesse uma ruptura na rotina monótona de sua existência diária”. [18] Mesmo assim, é difícil imaginar como Albert Lewis poderia resistir às súplicas de um filho que acabara de voltar de uma guerra tão sangrenta. Escrevendo ao sr. Lewis em 20 de junho de 1918, Jack disse: “Sei que muitas vezes tenho estado mais longe do que deveria em minhas relações com você e desvalorizei uma afeição e uma generosidade que [...] uma experiência de ‘pais de outras pessoas’ me mostrou sob uma nova luz. Mas, se Deus quiser, farei melhor no futuro. Venha me ver. Estou com saudades de casa, que é a forma mais longa e a mais curta de dizer [...] Essa semana, a sra. Moore esteve em visita à irmã, que trabalha no Departamento de Guerra, e tivemos um bom tempo juntos. Acho que é um conforto para ela estar com alguém que era amigo de Paddy e é um elo com os dias de Oxford: ela certamente foi uma amiga muito, muito boa para mim”. [19]

Em 25 de junho, Lewis foi transferido para um hospital em Clifton, perto de Bristol, que ele escolhera para poder ter a assistência da sra. Moore. Mais uma vez, ele ficou sem receber visitas do pai. Em meados de setembro, confirmou-se que Paddy estava morto e, quando Lewis foi transferido para o Perham Down Camp, em Ludgershall, Hampshire, em 4 de outubro, a sra. Moore foi com ele. A última parte da convalescença de Jack passou-se em um hospital em Eastbourne, e de lá ele escreveu para seu pai em 8 de dezembro dizendo: “Por minha sugestão, a sra. Moore veio até aqui e fica em quartos perto do acampamento, onde, espero, vai permanecer até eu sair de licença”. [20]

O armistício foi assinado em 11 de novembro de 1918. A Jack, no entanto, foi dado a entender que ele não teria alta antes do Natal. No entanto, Warnie foi capaz de escrever em seu diário de 27 de dezembro: “Um dia com letras vermelhas. Estávamos sentados no escritório por volta das onze horas da manhã

quando vimos um táxi subindo a avenida. Era Jack! Ele tinha sido desmobilizado, graças a Deus. Não é preciso dizer que houve grandes comemorações. Ele parecia bem em forma [...] À noite, houve um jantar alegre em homenagem ao evento: a primeira vez que tomei champanhe em casa”. [21]

Jack retornou a Oxford em 13 de janeiro de 1919 e passou a residir no University College. Ele estava lendo o mais famoso dos cursos de artes em Oxford, que é conhecido como *Literae Humaniores*, ou “Greats” [Grandes], para dar-lhe o nome popular. “Foi um grande retorno e algo pelo qual sou muito grato”, escreveu ao pai em 27 de janeiro. “É claro que já há uma grande diferença entre essa Oxford e o fantasma que conheci antes: verdade, somos apenas 28 no College, mas jantamos novamente em Hall, a Sala Comunal Junior não está mais envolta em lençóis empoeirados, e a velha rodada de palestras, debates, jogos e coisas assim não está sendo feita. O redespertamento é um pouco patético: em nossa primeira reunião da S. C. J. lemos as atas da última — 1914. Não conheço nada que me tenha feito perceber a suspensão absoluta e o desperdício desses anos mais profundamente.” [22]

Em 1919, o custo médio de vida em um dos vinte Colleges que compunham a Universidade de Oxford era de cerca de 60 libras. [Naquela época, 1 libra (£1) equivalia a cerca de 5 dólares americanos.] A bolsa de estudos de Lewis do University College era de 80 libras por ano, mas, depois que todas as despesas do College eram pagas, ele ficava com cerca de 11 libras por semestre. O sr. Lewis dava a ele 67 libras por semestre, além de pagar despesas incidentais. O sr. Lewis também trabalhou muito para conseguir que o filho recebesse do Exército uma “gratificação por ferimentos”, e Jack recebeu 145 libras em março de 1919 e mais 104 libras em julho. Essas 234 libras (excluindo a gratificação por ferimentos) teriam permitido algum luxo para um homem que vivia no College — Albert Lewis era de fato muito generoso com o filho. Mas, como Warnie Lewis observou em suas memórias, “uma vez que uma mesada calculada para atender um solteiro que vivia no College não era suficiente para um chefe de família, Jack se viu miseravelmente pobre”. [23]

É claro que o pai e o irmão de Lewis não sabiam que a nova “família” de Jack, como ele chamava a sra. Moore e Maureen, haviam-no acompanhado até Oxford. Estavam morando a três quilômetros a leste do centro da cidade, na casa da srta. Featherstone, em 28 Warneford Road — a mesma casa em que estavam quando o diário se inicia — e não muito longe da Escola Headington, onde Maureen tornou-se aluna logo após chegarem a Oxford. Jack confidenciou a Arthur Greeves em uma carta de 26 de janeiro: “Depois do café da manhã,

trabalho (na biblioteca ou em uma sala de aula, ambas quentes) ou assisto a palestras até as 13h; então, vou de bicicleta para a casa da sra. Moore. Elas estão instaladas em nossa ‘própria casa alugada’ (como fazia o apóstolo Paulo, embora não pregassem ou ensinassem). A dona da casa ainda não a limpou, e pagamos um pouco menos que o total por ela ainda usar um quarto”. [24] Não sabemos quanto dinheiro a sra. Moore recebia do marido, mas parece que não o ganhou por muito tempo.

Jack morou no University College por três semestres, como era exigido pelos estatutos da universidade. Depois disso, ele foi autorizado a “residir e a frequentar regularmente o semestre escolar em alojamentos situados em um raio de cinco quilômetros de Carfax” — isto é, do centro da cidade. Com certeza é prova da dependência mútua que havia entre eles e do amor de Lewis pela vida doméstica ele ter sido capaz de obter, como o melhor da classe, três graduações, mesmo estando constantemente mudando de lugar. Eles eram tão pobres que foram forçados a viver em vários lugares detestáveis. De 1917 a 1930, viveram em nove casas diferentes.

Lewis escondeu tudo isso do pai. Mesmo antes de seu primeiro semestre em Oxford haver terminado, quando, é claro, seu pai o esperava em casa, Jack estava definindo o padrão para os próximos anos, inventando alguma desculpa para permanecer em Oxford com a nova família. “Eu tenho de ficar aqui por mais uma semana seguindo as orientações [do meu tutor]”, escreveu ao pai em 15 de março de 1919. “Depois disso, vou descer para ajudar a sra. Moore com sua mudança em Bristol: ela tem de voltar para limpar a casa. Parece haver uma dificuldade considerável em ir para outro lugar. Não há possibilidade em Londres e Bristol: sugeri que viesse para cá, mas isso parece igualmente impossível”. [25] A verdade é que “a família” estava em Oxford desde janeiro. O mesmo aconteceu novamente quando Lewis escreveu ao pai de Somerset, em 4 de abril de 1920, dizendo: “Achei uma boa oportunidade de saldar um compromisso com um homem que me pede há algum tempo para ir e ‘andar’ com ele”. [26] Mas, pela carta a Arthur de 11 de abril, ficamos sabendo que ele, na verdade, estava com as Moore.

É difícil dizer o quanto Albert Lewis sabia sobre Jack morar com as Moore. Ele certamente estava ciente de que Jack via a sra. Moore durante seu primeiro semestre em Oxford e escreveu a Warnie sobre isso. E Warnie, que estava na Bélgica, disse, em uma carta de 10 de maio: “O assunto da sra. Moore é com certeza um mistério, mas acho que talvez você esteja dando muita importância a isso. Você tem alguma ideia de em que pé ele está com ela? Ela é uma

intelectual? Parece-me absurdo que possa haver qualquer coisa aí. Mas o assunto todo me irrita por sua aberração”. [27] Albert respondeu em 20 de maio: “Confesso que não sei o que fazer ou dizer sobre o caso de Jack. Isso me preocupa e me deprime muito. Tudo o que sei sobre a dama é que ela tem idade suficiente para ser mãe dele — que ela está separada do marido e está em uma situação bem difícil. Também sei que Jack frequentemente dá cheques a ela de até £10 — por qual motivo, eu não sei. Se Jack não fosse uma criatura impetuosa, de bom coração, que pudesse ser bajulada por qualquer mulher que tivesse passado por maus bocados, eu não ficaria tão desconfortável. Depois, há o marido, que sempre me disseram ser um patife — , mas os ausentes são sempre os culpados —, que está nos bastidores, que um dia desses pode tentar fazer uma chantagem cordial. Mas, à parte todas essas considerações que podem ser o resultado de uma mente de tribunal policial, que suspeita, há a distração quanto ao trabalho e a loucura das cartas diárias. No geral, estou desconfortável”. [28] Com exceção disso, há muito pouco nas cartas de Albert a Warnie sobre a sra. Moore. O que considero lastimável esquecer sobre esse bom homem — algo que Jack e Warnie mencionaram com frequência — é que ele apoiou o filho durante todos os anos de graduação e até ele ser feito Membro do Conselho do Magdalen College.

Muito antes do que qualquer outro, Albert Lewis suspeitou da presença de elementos naquele concubinato que eram profundamente nocivos. Um relacionamento substituto mãe-filho não estava entre eles: Jack e a sra. Moore sofreram perdas recíprocas, por assim dizer, e uma solução simbiótica para esse problema não é antinatural, nem incomum, nem moralmente problemática. Mas a rapidez e a profundidade do envolvimento de Jack, as iniciativas tomadas pela sra. Moore para garantir isso, sua aquiescência às mentiras de Jack e a prontidão dele para mentir — Albert Lewis é a única pessoa a quem sabemos que Jack mentiu — juntas provocam palavras como “caso”, “injúria” e “chantagem”, todas usadas por Albert para discutir o concubinato.

A ideia de intimidade sexual entre os dois deve ser considerada provável. O jovem sensual ateu vive com uma mulher não atraente, ainda no início da meia-idade, que não só está disponível para ele, mas muito provavelmente com interesses próprios: o jovem é, como o pai aponta, sobretudo de boa índole e manipulável com facilidade, e a mulher — naquela sociedade, naquela época — certamente se beneficiaria da presença de um homem na casa. Essa combinação de motivos, meios e oportunidades convida, embora não exija, à conclusão de que Janie King Moore e C. S. Lewis eram amantes.

O próprio Lewis parece ter isso em mente em uma conversa com Arthur Greeves durante a visita a Belfast, em outubro de 1917, a qual mais tarde lamentou. Quando escreveu a Arthur em 28 de outubro, ele disse: “Desde que voltei & encontrei certa pessoa, comecei a perceber que não era de todo certo que eu contasse a você tanto quanto fiz. Devo, portanto, tentar desfazer minhas ações, tanto quanto possível, pedindo-lhe que tente & esqueça minhas várias declarações & não se refira ao assunto”.<sup>[29]</sup> E o tabu provavelmente permaneceu para o resto da vida de Lewis.

Assim, não é prudente interpretar em excesso. A natureza da intimidade entre eles, sua duração e as circunstâncias sob as quais ela terminou são em grande medida desconhecidas para nós. O que é conhecida é a devoção cotidiana mostrada por C. S. Lewis à sra. Moore até a morte dela, após um longo declínio físico e mental, aos 78 anos. A vida é mais ricamente texturizada — ou, como Lewis diria, “mais espessa” — do que esperamos que seja. Nenhum de nós é isso ou aquilo; ao contrário, nós e todas as pessoas “comuns” que encontramos e conhecemos são muitas coisas ao mesmo tempo, cheias de sombras e nuances. Essa história pode ter começado com autoindulgência, cinismo e pecado, mas terminou como um exemplo duradouro da caridade cristã — e da economia divina.

Após a morte de Albert Lewis em 25 de setembro de 1929, com 66 anos, os documentos da família foram levados para Oxford. Warnie Lewis passou a maior parte dos anos seguintes editando esses papéis, bem como seu diário e o de Jack, e no final produziram onze volumes encadernados. Depois que seu diário foi datilografado, Jack o revisou e acrescentou notas de rodapé onde as considerou necessárias. As anotações de ambos irmãos foram mantidas nesta edição. O magnífico feito de Warnie é geralmente chamado de *Lewis Papers* [Documentos de Lewis], cujo original está no Wheaton College, em Illinois, com uma cópia na Biblioteca Bodleiana. Os *Lewis Papers* compõem a principal fonte do diário. Outra fonte é um caderno que Warren Lewis me deu em 1964 e que contém, entre outras coisas, o original do diário de Lewis para o período de 27 de abril de 1926 a 2 de março de 1927.

Nenhum dos irmãos escrevia corretamente, e Warnie costumava dizer que jamais era capaz de lembrar se mantinha um “diário” ou um “leitário”.<sup>[30]</sup> Seu erro mais característico foi alterar contrações como “*can’t*” [não posso] para “*ca’nt*”. Além de erros como esses, nos *Lewis Papers* havia outros que eram o resultado inevitável da digitação de vários milhares de páginas com dois dedos. Como não consegui distinguir os erros ortográficos de Warnie dos de Jack,

corrigi a parte do diário encontrada apenas nos *Lewis Papers*. A partir de 27 de abril de 1926, segui a grafia original de C. S. Lewis, encontrada em seu caderno. [31]

Aqueles que leram uma versão datilografada do diário nos *Lewis Papers* terão notado que, por toda parte, Lewis se refere à sra. Moore como “D”. Descobri daquela parte do diário no caderno que a abreviatura que Lewis usava ao longo do diário e que Warnie Lewis não conseguiu reproduzir com a máquina de escrever era a letra grega  $\Delta$  (delta). Eu mantive a letra “D” porque ambos irmãos aprovaram o uso dela. Jack e Warnie chamavam a sra. Moore de “Minto”, e não posso dizer se  $\Delta$  tem algum significado além de ser uma abreviação útil.

Lewis encerrou seu diário com a anotação de 2 de março de 1927. Embora não tenham sido copiadas para os *Lewis Papers*, o caderno contém várias outras páginas de diário. Lewis fez anotações do dia 19 a 22 de janeiro e em 2 e 3 de junho de 1928 em inglês antigo e uma anotação em 4 de junho de 1928 em latim. O caderno também contém “retratos” ou descrições escritas de nove colegas de Lewis no Magdalen College, durante o período em que a última parte de seu diário estava sendo escrita. Eu acredito que eles foram feitos para acompanhar o diário e os incluí em um apêndice.

A diferença mais significativa entre o que é encontrado nos *Lewis Papers* e este livro é que este é bem mais curto. O diário inteiro usa, como eu já disse, mais de um quarto de milhão de palavras, e o Espólio de Lewis e os editores achavam que o livro ficaria mais palatável para mais leitores se fosse diminuído em cerca de um terço. Tentei fazer isso de tal maneira que nenhum dos principais interesses de Lewis — amigos, livros, vida doméstica — fosse perdido. Havia muitas repetições no diário, e eu cortei principalmente alguns dos muitos detalhes das tarefas domésticas que, ousado dizer, Lewis estaria feliz em esquecer quando foram escritas.

Agradeço a todos os que ajudaram na edição deste livro. Tenho motivos especiais para agradecer ao sr. Owen Barfield, à srta. Nan Dunbar, do Somerville College, ao sr. e à sra. Colin Hardie, ao sr. George Sayer, ao professor James Como e ao irmão Paul Browne OSB [Ordem de São Benedito]. A edição deste livro foi especialmente agradável por causa da ajuda que recebi da srta. Lesley Walmsley, da Collins Publishers, e de John Ferrone, da Harcourt Brace Jovanovich, e a ambos agradeço.

WALTER HOOPER [32]  
21 de agosto de 1990

Oxford



Copyrighted image

Você estranho, muito antes de seu olhar se acender  
Sobre essas palavras, o tempo terá levado embora  
O primeiro momento em que tomei a caneta para escrever  
Com todo meu caminho diante de mim — ainda agora,  
Aqui, se, em qualquer condição, nós encontramos...

(C. S. Lewis, *Dymer*, I, 1)

***Nesta época,** Lewis dividia uma casa com a sra. Moore e Maureen, a filha dela, na 28 Warneford Road, a cerca de três quilômetros do centro de Oxford. [33] Maureen era aluna diurna na Headington School. Em 1920, Lewis havia concluído a Graduação de Primeira Classe [34] em Moderações Clássicas — escritores clássicos gregos e latinos. Agora, ele estava se preparando para seu exame (8 a 14 de junho) em Literae Humaniores ou “Greats” — historiadores e filósofos gregos e latinos. Ele estava esperando obter uma bolsa de pesquisador em um dos Colleges de Oxford, e para isso ele teria uma chance melhor com outro Primeiro. “D” era a sra. Moore.*

## *Abril*

**Sábado, 1º de abril:** Eu caminhei até Iffley de manhã e liguei para os Askins. [35] O Doc tolamente se esgotou andando longe demais e pode não vir para Headington à tarde. Ele falou sobre a Atlântida, sobre a qual aparentemente há uma abundante literatura filosófica: ninguém parece perceber que um mito platônico é ficção, não lenda e, portanto, não há base para especulação. Também falamos do Antigo Testamento e de antropologia: observações ridículas de Mary. Um dia agradável.

Fui ao show na Headington School depois do chá... Eles fizeram uma cena de *Nicholas Nickelby* que não foi mal interpretada e por um momento me fez

lembrar dos terrores de Wynyard — um tributo alto, mas subjetivo, aos amadores. [36] Eles também fizeram *Tristram*, de Arnold (m. ruim), e *Land of Heart's Desire* [Terra dos desejos do coração], de Yeats: mesmo a atuação da menina da escola não conseguia estragar sua beleza maravilhosa.

**Domingo, 2 de abril:** Um lindo dia de primavera. D ocupada cortando laranjas para a geleia. Sentei-me em meu quarto perto de uma janela aberta sob o sol brilhante e comecei um poema sobre “Dymer” em rima real. Caminhei por Shotover à tarde, muito incomodado por todos os meninos e meninas em seu passeio dominical. À noite jogamos bridge — mãos muito ruins por todo lado, e Maureen falando o tempo todo. Eu li em voz alta o livro do Coronel Repington, que estamos desfrutando muito. [37] Tarde para ir dormir. Ainda muito preocupado com o atraso da chegada da caderneta bancária de movimentação de D. [38]

**Segunda, 3 de abril:** Recebi uma carta de casa pela manhã... Meu pai parece em boa forma. Nevou muito durante o dia inteiro: à tarde, eu me diverti muito cavando e tentando limpar o telhado enquanto derrubava súbitos montões de neve em frente à porta do corredor, com um ruído semelhante a um trovão. Trabalhei em anotações da história romana durante toda a manhã e nos capítulos de Adamson sobre Aristóteles depois do almoço. [39] Um dia bastante deprimente: à noite, mais história e mais Repington. Maureen com uma disposição maravilhosa.

**Terça, 4 de abril:** Caminhei até Oxford e deixei dois poemas (“Misfire” e “Offa”) para serem datilografados. Lembrando ontem, coloquei um casaco e sofri com calor — o dia foi-se tornando ensolarado e bonito — mais ainda para os montes de neve sob as sebes etc. Trabalhei em Adamson antes do almoço: estou começando a pegar o jeito da teoria aristotélica de *eidee*. Forma e matéria são quase o mesmo que realidade e potencialidade... Isso leva à Alma como a realização de potencialidades orgânicas: o “corpo vivo”, um grande avanço sobre o antigo Animismo de Corpo mais Espírito, aparentemente fatal para a imortalidade. Não consigo ver por que, cargas d’água, *nous* está em uma posição diferente.

Uma carta veio de Arthur hoje pedindo-me para passar alguns dias com ele em Londres: sem dúvida, seria bastante agradável, mas não é possível. [40] História Romana toda a tarde e um pouco à noite, além do livro II da *República*. Na cama logo depois das 12.

**Quarta, 5 de abril:** Comecei a revisar História Grega hoje. No começo, achei minhas anotações etc. em grande confusão, mas, quando isso foi corrigido, trabalhei com mais interesse e prazer do que esperava.

Uma mulher bonita reclamou hoje de manhã o pagamento da ampliação da foto de Paddy: [41] ela ainda não está “terminada” e (talvez por essa razão) parece-me mais viva e interessante do que a antiga. Após o almoço, liguei para a srta. Baker a fim de obter os detalhes sobre uma apresentação em Cumnor, na qual Masefield deve atuar como Lear: ela não sabia, e Maureen deve descobrir com os O’Maleys.

Eu também peguei os dois poemas (datilografados com m. precisão por 1/-) [42] e vi Stead a fim de conseguir o endereço do *London Mercury*. [43] Ele me disse com um rosto solene e ingenuidade admirável como ele tinha conseguido ser aceito. Dois ou três [poemas] lhe foram enviados de volta por correspondência, por isso ele foi até Londres e ligou para o editor, dizendo: “Veja aqui, sr. Squire, você não ficou com esses poemas meus, e quero saber o que há de errado com eles!!” [44] Se a história terminasse aí, seria meramente uma informação sobre Stead, mas a piada é que Squire disse: “Fico feliz que você tenha vindo conversar sobre: é exatamente isso que eu quero que as pessoas façam”, e realmente aceitou o que havia anteriormente recusado. Realmente os modos dos editores são inescrutáveis!

Stead me deu a prova de seu novo livro, *The Sweet Miracle* [O doce milagre], que eu peguei. Até agora parece bastante enfadonho. Trabalhei pelo resto do dia, exceto por uma saideira de Repington.

**Quinta, 6 de abril:** D me acordou com notícias alarmantes da Irlanda. Parece que “Hi” [45] ligara para o banco e as cartas do banco para D foram devolvidas, mais uma vez pela estupidez dos correios de Bristol. Portanto, é muito provável que a Besta [46] tivesse sido informada, e a menção de cartas do banco (em oposição à caderneta de transações) sugere que D esteja no vermelho. É claro que temos de acertar as coisas, já que, se a Besta cessar o pagamento, será muito difícil ver uma solução para nós: a escola de Maureen, por exemplo, deve ir pro bebeléu: nossa renda conjunta dificilmente será suficiente para bancar aluguel e alimentação.

Nós nos mudamos hoje para Red Gables, que Lady Gonner muito gentilmente nos emprestou durante sua ausência de quinze dias (só precisa de mais alguns favores para nos colocar no asilo!). [47] Um dia agitado pelo empacotamento, além da ansiedade mental, ainda assim consegui fazer um bom

trabalho de manhã. Foi uma tarde estranha e lúgubre, pronta para trovejar. Chegamos a Red Gables às 18h de táxi. É uma casa muito charmosa com uma excelente biblioteca, onde encontrei e iniciei a *New Republic* [Nova república], de Mallock. Depois do jantar, eu pretendia fazer anotações de história, mas estava muito cansado: em vez disso, li o livro IV da *República*. Maureen vai ao correio amanhã. D está bem farta com a mudança e o despejo: só Maureen, por estupidez ou heroísmo, continua de excelente humor...

**Sexta, 7 de abril:** Nada da Irlanda no correio desta manhã — apenas meus dois poemas devolvidos pelo *Mercury*. Sentei-me depois do café da manhã e tive duas horas de trabalho muito satisfatórias memorizando anotações atualizadas de Hist. Grega, quando fui interrompido pela chegada de Joy Whicher e a mãe dela...

Eu fui a Warneford Rd. com esperança de encontrar cartas, mas não havia ninguém na casa. Acho que Maureen tentou novamente depois do jantar e muito estupidamente arrombou a casa por trás: tomara que a srta. Featherstone não se importe. D e eu enviamos a carta mais forte que podíamos para a agência de correio de Bristol, cuja incompetência fez toda a situação ficar assim. Com a ausência de novidades, o despejo continua. D está muito desgastada com a mudança e a indigestão.

Acordei com dor de garganta, mas parece ter desaparecido. Como disse essa tarde, desejo que a vida e a morte não sejam as únicas alternativas, pois também não gosto de ambas: pode-se imaginar uma via média...

**Sábado, 8 de abril:** D me acordou essa manhã entrando em meu quarto com a alegre notícia de que a caderneta bancária tinha chegado: nenhuma crise financeira ou pessoal se materializou. Fui à cidade logo depois do café da manhã procurando carne: voltei pouco antes das onze e fiz um bom trabalho em Hist. Grega até o almoço e depois do almoço até a hora do chá...

Maureen me conta que hoje, enquanto estava em uma loja, um graduando desconhecido entrou e anunciou a tudo e a todos que ele havia se formado — isso é melhor do que “Córsega” Boswell! [48]

Ouvi de Dorothy que a srta. Featherstone está falando em voltar à Warneford Rd., o que é uma notícia séria. Depois do jantar, eu li a maior parte do livro V da *República*. Uma dor de cabeça bestial e uma sensação geral de muito cansaço: D muito melhor, mas não tão bem quanto antes de nos mudarmos. Como uma saideira intelectual, nossas contas têm sido intrigantes, que aparecem de um modo diferente cada vez. Não foi um dia agradável, mas graças a Deus pelas notícias desta manhã.

(Concluída *The Everlasting Mercy* [A misericórdia eterna], na minha opinião, a coisa mais pobre de Masefield que já li — quase toda ela pode ter sido composta de improviso; mas talvez tenha sido um mau leitor hoje.)

Acabei de me lembrar de registrar que Pasley e “Johnnie” Hamber se casaram hoje. Deve ser um dos horrores do casamento refletir em um momento como esse quantos amigos bondosos sabem exatamente o que você está fazendo. [49]

**Domingo, 9 de abril:** Hoje terminei *Pompey the Great* [Pompeu, o Grande], de Masefield, com grande prazer: tem o mérito de obrigar você a INTERPRETAR cada discurso à medida que avança, é finamente realista e comovente. Ao lado de *Dauber* e de partes de *Reynard*, a melhor coisa que já li. Depois, eu andei na Shotover, voltando antes do almoço.

Eu tentei muito escrever algo hoje, mas era como tirar leite de pedra. Apesar de me prometer não ser influenciado pela decisão do *Mercury* — e eu sei, pelo que eles publicam, que seu cânon está errado — a rejeição de minhas coisas me deixou um pouco desanimado...

**Segunda, 10 de abril:** Uma carta de Pasley escrita no segundo dia de sua lua de mel — a oitava que ele escrevera naquela tarde. D considera uma maneira curiosa de passar esse tempo, mas ele parece satisfeito.

Fiz um trabalho matutino muito satisfatório, passando pela Hist. Romana (as guerras de 69 d.C., fico feliz em descobrir que o gr. não as tirou da minha cabeça) e, depois, atualizei anotações de grego. Saí um pouco antes do almoço para aproveitar o sol e beber uma garrafa de Guinness ao lado, no “White Horse”.

Após o almoço, copiei o poema que começa com “A última estrela da noite”, com o qual quero tentar o *Mercury* novamente, e enviar os que o *Mercury* recusou para a *English Review*. Eu, portanto, caminhei para Oxford: um lindo dia quente. Deixei o poema para os datilógrafos e enviei os outros dois: procurando em um exemplar da *English Review* pelo endereço, fiquei enjoado com a poesia nela — toda na pior tradição moderna — e meio que pensei em não enviar o meu. Mas eu decidi que não preciso ser legal, pois quase certamente serei rejeitado...

**Terça, 11 de abril:** Todos nos divertimos muito com a chegada do boletim de Maureen hoje, em que ela está marcada como “melhorando” em duas disciplinas que ela não faz — um bom exemplo dos métodos dessa escola.

Tive um bom trabalho pela manhã em Hist. Grega e li mais do livro VI da *República* após o almoço. Fui para Oxford depois do chá...

Encontrei o Doc aqui quando voltei, parecendo muito melhor: ele logo vai para Clevedon. Ele ficou para o jantar: depois, conversamos sobre as guerras napoleônicas, um assunto sobre o qual ele tem muita informação... Eu andei até o ônibus com ele depois: começamos com os sonhos de Christina, mas, como sempre acontecia com ele, terminamos com a imortalidade. [50]

**Sexta, 14 de abril:** Ontem à noite eu tive um sonho ridículo com Squire mandando de volta meu poema e dizendo que ele não podia aceitar porque eu soletrei a palavra “receber” errado: e, com certeza, o primeiro correio trouxe o poema de volta! Eu pretendo trabalhar arduamente nele um pouco mais ainda.

Dediquei-me à Hist. Grega até a hora do almoço — foi uma manhã bem lenta. À tarde, subi pelo caminho de campo que representa a estrada romana, ao longo da estrada que contorna Stowe Woods, e de volta pela trilha que começa pela igreja de Elsfeld...

Realizei um bom trabalho depois do chá e novamente depois do jantar. Outro lindo dia, com um belo pôr do sol na hora do jantar: um vento estava apenas começando, logo seguido de chuva, e agora há uma gloriosa tempestade. D recebeu um maravilhoso jornal de Dundalk de uma de suas “informantes” na Irlanda chamado *Democrat*: entre outros tesouros, encontramos alguém, na coluna Morte, descrito como “uma mulher completamente decente”...

**Sábado, 15 de abril:** D me lembra de que foi neste dia, há quatro anos, que fui ferido no Mt. Bernenchon. Trabalhei pela manhã. Após o almoço, caminhei para Oxford a fim de visitar de passagem o College e comprar algumas coisas. Um belo dia ensolarado e ventoso, mas, na cidade, detestável por causa da poeira e das multidões de turistas. O College parecia muito deserto e triste. Eu peguei na biblioteca *Persian War* [Guerra persa], de Grundy, que é indispensável...

Tentei trabalhar em “Dymer” e resolvi alguns documentos: mas estou muito desanimado com meu trabalho no momento — especialmente porque acho impossível inventar uma nova abertura para a “Wild Hunt” [Caçada selvagem]. A antiga é cheia de clichês e nunca funcionará. Apoiei-me muito na ideia de poder escrever poesia e, se isso for um erro, eu me sentirei um tanto fracassado.

Outro belo pôr do sol. Vejo que eu nunca mencionei o gato nesta casa: é muito grande, e bale como uma ovelha da maneira mais irritante. Li um pouco mais de Repington. Um dia não satisfatório, mas, louvado seja Deus, sem mais dores de cabeça. (Essa estadia em Lady Gonner’s tem-se, como esperávamos, provado terrivelmente cara: enquanto a srta. Featherstone está virando a outra casa de cabeça para baixo em nossa ausência.)

**Domingo, 16 de abril:** Hoje, por ser domingo de Páscoa, fui de alguma forma convencido a ir com Maureen à Igreja Highfield. Fiquei impressionado com a extraordinária severidade do sr. Clarke em sua capacidade de officiar — ele parecia um padre que regularmente discute. Ele pregou um bom sermão com um sabor metafísico que ng. esperaria de sua conversa — mas talvez isso tenha saído de um livro. Ele é um homenzinho tolo, como uma alvéola, e é surpreendente que ele não seja mais popular com as Demos. [51]

Após o almoço, trabalhei em “Dymer” e fiz alguns progressos: mas isso vai precisar de mais coragem do que posso agora colocar nele...

**Segunda, 17 de abril:** ... Srta. Brayne, professora de violino de Maureen, veio tomar chá. Eu fui para outra sala e trabalhei na memorização e, depois, fiz algumas caminhadas no jardim. D teve uma longa conversa com a srta. Brayne, de quem ela gosta. Ela (srta. B.) diz que Londres ou Bruxelas são absolutamente necessárias para música séria. A menos que eu consiga um emprego em Londres, os fundos nunca cobrirão isso.

Após o jantar, terminei o livro VII e iniciei o VIII da *República*. Uma carta muito divertida e encorajadora chegou para mim hoje, da tia Lily, me contando como ela colocou várias pessoas em *Spirits in Bondage* e registrou muitas coisas legais. [52] Também um pedaço do bolo de casamento dos Pasleys.

**Terça, 18 de abril:** Trabalhei pela manhã. À tarde, caminhei até Oxford e procurei os documentos de exame do Serviço Público na União. “Greats” é brincadeira de criança em comparação com eles...

Antes do jantar, fiz uma visita rápida e vi Arthur Stevenson e sua mãe, esperando ouvir alguma coisa sobre o Serviço Público. [53] Ele, no entanto, desistiu. Ele me disse que não há vaga este ano no Serviço Público de Sua Majestade, e que provavelmente não haverá nenhum no próximo. Isso é devido em parte ao Geddismo, [54] em parte às nomeações de tantos ex-oficiais sem exame. Foi assim que “Diz” conseguiu seu posto. Stevenson achava que a negligência da vida no Serviço Público era muito exagerada e que as pessoas eram frequentemente mantidas por muito tempo em seu ofício. Assim termina o sonho de uma carreira pública tão subitamente quanto começou: sinto de imediato que estive em território estranho — não meu e, no fundo, impossível.

À noite, copiei “Joy” [Alegria] e trabalhei em um novo final: agora está pronto para ser datilografado. D bem ruim...

**Quarta, 19 de abril:** ... Não ficamos muito satisfeitos com a chegada inesperada de Cranny. [55] Sua cabeça careca fervilhava (ele havia subido de



sobretudo pela Warneford Rd.), mas ele recusou minha oferta para que se lavasse... Cranny e eu conversamos sobre teologia. Perguntei a ele por que as pessoas na posição dele, que não acreditavam que Jesus era Deus, passavam o tempo consertando um navio que afundava em vez de começar a produzir um novo. Ele disse que não acreditava haver algo novo. Ele pensava que a evolução tinha antes de tudo tentado tipos sucessivos, depois se estabeleceu para o desenvolvimento de um tipo, o HOMEM: da mesma forma que nós tínhamos primeiro religiões sucessivas e agora nos estabelecíamos para o desenvolvimento de uma. Eu me pergunto se o mastodonte falaria dessa mesma maneira.

Ele me disse que Stead, depois de questionar várias pessoas, dissera: “Lewis, claro, está inclinado ao catolicismo romano”. Homem incrível, Stead! Cranny está muito interessado em que o Doc seja ordenado: mas há muitas dificuldades. Ele ficou por um tempo interminável e tratou de todos os assuntos imagináveis: D e eu estávamos exaustos. Ele disse que a angústia atual era bastante exagerada e que muitos dos desempregados em Childrey estavam vivendo no cinema. Eu não acho que ele tenha muita simpatia de verdade. Eu tive uma dor de cabeça forte antes de ele ir...

**Quinta, 20 de abril:** Um trabalho de manhã pouco enfadonho. Fui ao White Horse antes do almoço. À tarde, fui a Oxford para tentar recuperar “Joy”, mas percebi (o que eu já sabia, se tivesse lembrado) que era o dia de encerrar mais cedo. Saímos de táxi de Lady Gonner às três horas. As empregadas gostaram muito de D e foi com dificuldade que nos deixaram partir: são Dorothy e Beatrice (pronuncia-se Beetrus), ambas as meninas camponesas m. mal-educadas, preguiçosas, barulhentas e ineficientes, mas de bom coração e muito divertidas.

Encontramos a srta. Featherstone em boa forma, mas parecendo miseravelmente doente. Ela não fez nenhuma proposta para voltar. Eu acho, e D concorda comigo, que ela decidiu nos aturar e está desempenhando sua parte com pura virtude. Muito ocupado a partir do chá até o jantar. D manteve a mudança e o empacotamento bem, e está muito mais forte do que quando partimos. Maureen muito doente ao sair: D e eu sentimos falta do jardim, mas no geral vemos a mudança (como alguém disse: “Warneford Rd. não é mesmo suburbano”) menos desagradável do que esperávamos. Dorothy (Broad) ainda está longe. Eu não deveria me importar de voltar a meus pratos e louças se não fosse pelo trabalho: estou esperando perder menos por considerar amanhã como domingo e trabalhando no verdadeiro domingo.

Após o jantar, comecei a copiar “Nimue” com muitas correções: estou agradavelmente satisfeito com isso. Se eu tiver sucesso ou fracassar, quão ridículo será ler isso algum dia!...

**Sexta, 21 de abril:** Levantei-me pouco antes das sete, limpei a grelha, acendi o fogo, preparei o chá, “fiz” a sala de visitas, preparei torradas, banhei-me, barbeei-me, tomei o café da manhã, lavei tudo, coloquei o novo pedaço de presunto para ferver, e saí às dez e meia...

Eu consegui “Joy” do datilógrafo, finalmente, por 1/9d. Em tudo o que eles datilografaram até agora, não encontrei um único erro...

Voltei por volta das 12h: descobri, para meu desgosto, que Maureen estava fora e deixara D cozinhando — a primeira vez desde sua doença. Lavei tudo depois do almoço. Trabalhei nas anotações da Hist. Grega até o chá, quando a srta. Baker chegou. Eu tinha sentado para trabalhar quando D me chamou “por cinco minutos” para falar sobre o programa de Maureen para o próximo semestre. Isso não teria importância, mas, antes que eu pudesse escapar, a srta. Baker começou uma falação e continuou assim. Quando ela finalmente saiu, era hora de jantar e de limpar as coisas de chá que Maureen gentilmente deixara em *status quo*. Uma boa hora, portanto, desperdiçada... Trabalhei novamente depois do jantar, deixando a louça para Maureen lavar. D parece bem melhor.

**Sábado 22 de abril:** Levantei-me cerca de 6h30 e fiz os mesmos trabalhos de ontem. Resolvi trabalhar até às 9h30 e ter uma excelente manhã...

Sheila Gonner — criança alegre — veio para o chá. Dorothy vai voltar amanhã: assim não mais ficaremos sem empregados. A pedido dela, emprestei-lhe, para sua irmã, Rose, minha cola para a História de Tácito — o que a faz imaginar que ela tenha gostado disso? Possivelmente romances cristãos antigos do tipo *Quo Vadis*.

Trabalhei de novo, depois do chá e do jantar, até as dez horas, terminando Heródoto. As últimas páginas do livro IX. Eu li agora pela primeira vez, tendo me cansado dele em minha primeira leitura...

**Domingo, 23 de abril:** De manhã, terminei de copiar “Nimue”: se “Joy” for aceita, usarei o dinheiro resultante para datilografar...

À tarde, pedi à sra. Stevenson que falasse de casas. O homem Raisin (ou Rayson) está construindo mais duas que ele pode deixar, e, enquanto a sra. St. critica a casa existente, devemos tentar uma das novas. Eles estão todos no sopé de Shotover na Roman Road e sob as ordens da floresta do Professor Jack...

**Segunda, 24 de abril:** Ontem terminei minhas anotações sobre Heródoto e comecei a memorizá-las em massa hoje. Trabalhei bastante das 9 às 11 da

manhã, depois fui para a cidade com Maureen para vê-la ir para Bristol, onde ficará por alguns dias...

Em seguida, liguei para o escritório de Rayson, o arquiteto, 15 Broad St. Ele é um homenzinho tagarela e alegre e pode ser honesto. Ele me disse que seu projeto de construir duas novas casas perto da que a sra. Stevenson está buscando ainda está sem previsão de começar. Ele não vai iniciá-las até que tenha vendido a atual. Expliquei nossa própria posição e pedi que me dissesse francamente se alguém estava antes de nós na lista de espera. Ele disse que não havia ninguém e pegou o nome de D. Ele me disse que o teto do Bodleian era feito de cobre: nós dois comentamos sobre a cor bonita.

Trabalhei depois do almoço: após o chá, andei na Shotover. Um dia tempestuoso com chuvas fortes e sol brilhante. Fiquei algum tempo olhando sobre a planície para as Chilterns [56] e observando as nuvens. Por alguma razão, fiquei especialmente impressionado com a *enorme escala* da paisagem de nuvens, especialmente a partir de uma colina. Trabalhei depois do jantar: mais cedo para a cama.

Uma animada carta de meu pai hoje, anunciando que Warnie esteve em casa (vindo de Serra Leoa) por doze dias e está bem: também que ele pagou meu subsídio para o próximo semestre.

**Terça, 25 de abril:** Um dia de trabalho duro. A mulher-com-as-sobrancelhas-falsas-que-diz-mentiras fez uma visita rápida hoje a Dorothy, que está se tornando uma de suas clientes: ela lhe confidenciou alguns detalhes sobre nós, que foram objeto de conversa entre nossos vizinhos próximos. Dorothy contou a D assim que a mulher se foi. Foi muito esclarecedor: e, como os cães podem saber tantos fatos sobre mim como sabem, ultrapassa minha compreensão. D disse que era a pior parte de ser pobre — ter de viver entre eles...

D pendurou hoje uma cortina que fizemos para a porta do salão. A base era um cobertor do exército: em um projeto meu, D fez uma árvore (desconhecida para os naturalistas) e cegonhas e lírios e uma lua com estrelas. Tudo em lã, cores claras brilhantes. Fica admiravelmente bem com as paredes, e estou muito satisfeito com isso...

**Quarta, 26 de abril:** Tendo terminado o período de Heródoto, eu agora estou compondo a Pentecontecia: [57] um dia de trabalho duro e prazeroso. Se eu tivesse apenas mais alguns meses, conseguiria me sair bem.

Um cartão de Maureen para dizer que, depois de uma hora com a srta. Whitty, ela considera sua música “sem esperança” e uma carta da srta. W. dizendo que sua técnica foi desgraçadamente negligenciada. [58] Após lançar

algumas maldições bem merecidas contra a completa ineficiência da escola em todos os ramos, D e eu descobrimos, para nossa surpresa, que não sabíamos o que era técnica em música...

**Quinta, 27 de abril:** O semestre começou hoje. Trabalhei duro na política ateniense da Pentecontecia: muito difícil decifrar os fatos. Grundy cheio de erudição, mas escreve de maneira abominável e é quase impossível ver a conexão do pensamento entre alguns de seus parágrafos. Antes do almoço, fui a Oxford e retirei o livro de Whibley sobre a União: mas descobri que foi escrito antes da descoberta da Pol. At. e é, portanto, inútil. [59] Trabalhei novamente do almoço até o chá. É muito difícil não apenas aprender a história, mas escrevê-la primeiro!...

**Sexta, 28 de abril:** Cheguei cedo ao College e descobri que tínhamos *collections* no *hall* às 9h30. [60] Documentos de filosofia, mas Stevenson os distribuiu dizendo que Carritt tinha caxumba. [61] Ele nos implorou para levá-los a sério, mas todos permaneceram muito animados: Blunt, Wyllie, Watling, P. O. Simpson, Montagu, Hastings, Haig e Salvesen — este último “um estrondo constante à distância”, como disse Haig. [62] Todos falaram, zombaram e falaram. Todos sempre apelam para os demais por qualquer fato que tenham esquecido, e recebem uma dúzia de sugestões: mas duvido que alguém anote as informações variadas e muitas vezes irreconciliáveis assim obtidas. Blunt disse que Platão nasceu cedo demais e foi preparado pela natureza para um pároco inglês ortodoxo. Eu disse que não achava que fôssemos tão mal assim. Saímos às 12h30. Olhei para Wadham para ver se Baker ainda estava por ali, mas nenhum sinal dele. [63]

Após o almoço, prossegui com Hist. Grega. Stead entrou, obviamente querendo que suas novas provas fossem elogiadas. Felizmente, o *Sweet Miracle*, em sua forma tranquila, tem méritos consideráveis, e eu disse isso a ele... Ele tinha uma carta de Yeats que agora mora em uma torre em Gort, nas propriedades de Lady Gregory: tudo parece muito bem escolhido como cenário para o grande homem... Ele também falou de Bridges. Ou Stead é um homem muito melhor do que ele me parece ou então ele se impôs como um verdadeiro americano no mundo literário... D muito ocupada fazendo algumas “camisolas” que a sra. Raymond vai comprar. Carta de Cox dando conhecimento de £67 de meu pai.

**Sábado, 29 de abril:** Subi logo para o College, onde preparamos um trabalho geral de história antiga para Stevenson. Fui entrevistado por ele como de

costume e foi arranjado para eu fazer palestras nesse semestre: ele me avisou para “não trabalhar muito”. Todas as pessoas habituais lá. Escrevi muito, mas nada de alta qualidade... Simpson descreveu *collections* como o esforço para escrever linguagem jornalística na torre de Babel...

Uma longa carta para D da srta. Whitty hoje. Ela diz que uma carreira musical séria é inútil para Maureen e que a culpa está inteiramente no ensino: ela foi abandonada a todo pecado original que qualquer criança praticaria se lhe fosse permitido, e ensinaram-lhe aquele tocar impreciso e emocional de sala de estar. Seus dedos estão velhos demais para voltar e aprender a técnica agora. Então, seu sonho terminou tão subitamente como o meu em relação ao Serviço Público: o meu foi morto pelo Comitê Geddes, o dela, por pura ineficiência na escola. É muito lamentável: além da questão de uma carreira (e, se ela se casar, isso não importa) o efeito psicológico imediato sobre ela será muito ruim. A srta. Whitty está furiosa, e não me admiro com isso.

**Domingo, 30 de abril:** Visitamos Baker em Wadham e caminhamos pelos campos até Marston, começando pela Mesopotâmia. Uma manhã esplêndida. Baker está muito ocupado com os ensaios de uma peça de Wycherley, na qual ele deve aparecer como um pai vilão: será no Palace, criado por [Edith] Craig (filha de Ellen Terry), e ele é um dos dois ou três amadores de uma família de artistas profissionais. Ele teve uma boa dose de encorajamento e conheceu a sra. Asquith e a princesa Bibesco. Ele descreveu a sra. A. como uma velha horrível com ligas esquisitas.

Ele teve um poema aceito pelo *Beacon*: ele diz que Barfield agora é tão bom quanto o subeditor. Assim, provavelmente meu “Joy” foi para ele. Eu não invejo muito Barfield seu trabalho de recusar todos os poemas de seu amigo para o próximo ano ou mais! [64]...

Após o almoço, trabalhei em “Dymer”. D respondendo cartas atrasadas. A srta. Featherstone ligou enquanto eu estava fora: D diz que ele estava com problemas de saúde. Depois do chá, coloquei cortinas no quarto de D com o novo aparelho chamado Rawlplugs: as alegações da propaganda não são verdadeiras, mas uma ideia inteligente.

Depois do jantar terminado e limpo, copiei o primeiro canto de “Dymer”...

## *Maio*

**Segunda, 1º de maio:** Esta manhã, o destino tentou me enfurecer, mas exagerou, de modo que se tornou meramente engraçado. D recebeu na hora do

café da manhã uma resposta de um corretor imobiliário, falando sobre um bangalô chamado Waldencot para alugar em Headington. Então, correu depois de mal engolir uma refeição, apenas para descobrir que era o “estábulo”...

Trabalhei a tarde toda em Tucídides, um autor que amo. Uma carta de Barfield aceitando “Joy” para o *Beacon* e dizendo coisas boas: ele se descreve como “subeditor *free-lancer* atuante, não remunerado”...

**Terça, 2 de maio:** Trabalhei de manhã memorizando anotações sobre a Pentecontecia e lendo Tucídides.

Maureen subiu para Headington e foi até o “estábulo”, já que achamos que vale a pena tentar. Maureen entrou com uma senhora, outro inquilino em perspectiva [*sic*] e rival, e fez um bom trabalho em apontar para ela todas as desvantagens do lugar.

Após o almoço, passei para tentar ver Jenkin, mas ele não estava. [65] Deixei “Nimue” para ser datilografado. Andei devagar e agradavelmente pela Mesopotâmia e, de balsa até Marston, subi a estrada para Headington pelo pequeno cemitério. Um lindo dia e muitos cucos. Pensando para variar — e livre dos sonhos de Christina...

Voltei a tempo de completar mais algum trabalho antes do jantar. Planejei com D uma carta ao dr. Ley da Christ Church pedindo-lhe que recomendasse um bom professor de música para Maureen: [66] ela foi tirada da srta. Ploughman sob algum eufemismo a respeito de “horários que não se encaixam” — caso a srta. Ploughman venha a notar se ela aparece ou não!...

**Quarta, 3 de maio:** Uma manhã úmida. Trabalhei no texto de Tucídides, com grande interesse, mas encontrando muitas passagens que, para a mera tradução, é sábio passar por cima.

Fui para a cidade após o almoço e, depois de procurar em vão por Jenkin na Merton St., encontrei-o na Mesa Alta. Já tinha clareado e descemos a St Aldate’s e sobre o sistema de abastecimento de água até Hincksey.

Eu falei em permanecer por mais um ano e lamentei que todos os meus amigos ficassem abatidos: ele disse que não conhecia nenhuma nova pessoa com interesse desde o primeiro ano. Nós dois concordamos que encontrar pessoas que tivessem interesse em literatura e que não fossem, ao mesmo tempo, muito afetadas por *dillettanti* falando “*l’art pour l’art*” etc., era quase impossível — na verdade, ele colocou Baker, Barfield e a mim como as únicas exceções em seu próprio círculo: e até mesmo os homens “amáveis” eram preferíveis ao tipo literário usual...

Nós conversamos sobre religião, sobre a qual seus pontos de vista são tradicionais e bem diferentes dos meus. Ele citou uma boa (e verdadeira) perversão de um velho lugar-comum: “Para o puro todas as coisas são impuras”...

D, após tentar uma nova cura para a indigestão, apresentada pela srta. Featherstone, está muito mal, com a cabeça ruim. Trabalhei em Tucídides novamente à noite. Cedo para a cama.

**Quinta, 4 de maio:** Um dia brilhante, ventoso e lindo. D muito doente como resultado da droga repulsiva da srta. Featherstone (que o céu nos salve de nossos amigos) e achando sua visão estranha — vendo o papel que eu estava lendo no café da manhã como se fosse azul. Isso diminuiu em certa medida durante o dia. A srta. Featherstone, como uma velha enfermeira, deveria saber bem que não se deve dar esse tipo de droga a uma paciente sem orientação médica.

Fui para a cidade cedo. Encontrei Baker em Wadham. Ele me fez várias perguntas sobre os sofistas. Ele disse que ele pod. provavelmente ver Barfield hoje e pedi-lhe que mandasse Barfield deixar uma mensagem dizendo quando ele e eu poderíamos nos encontrar. Ele me mostrou o número de maio do *Beacon*: está melhorando lentamente mês a mês.

Fui para o College às 10h30 para a aula de Stevenson: Watling, Wyllie, Blunt, Montagu, Haig e (mais tarde) Hastings. Stevenson marcou meu questionário de exame com A menos. Blunt foi um grande incômodo, retendo-nos implacavelmente a algum maldito problema cronológico sobre meses intercalares e eclipses, em parte, acho que porque Stevenson não se destaca sobre esses assuntos...

Fui a Cornmarket e peguei “Nimue” datilografado com precisão por 3/6: enviei-o para Squire à tarde, não tanto com qualquer esperança de que ele aceitaria, mas “para que ele pudesse preencher a medida de suas iniquidades”.

Trabalhei em um texto inglês da *Política* na parte da tarde, com algum interesse, e saí para um curto passeio até Headington antes do jantar. Tucídides (confeção de anotações) à noite... Preocupado hoje por dores em minha axila esquerda perto da ferida antiga, mas muito leves.

**Sexta, 5 de maio:** ... Encontrei Barfield às 2h30 perto da Agência Postal de Headington. Um dia brilhante: nós caminhamos sobre o riacho de Bayswater (onde eu vi a cobra) e tomamos chá em uma casinha na London Rd. Nós conversamos sobre Baker e os fragmentos misteriosos de sua vida anterior que obtivemos e comparamos nosso conhecimento... Ele disse que a maneira

mistificadora de Baker referir-se às coisas era bastante inconsciente, e nós rimos muito sobre isso.

Conversamos sobre os velhos tempos: depois, sobre a quinzena de Barfield na Itália, nas últimas férias. Em parte em Florença, em parte andando nos Apeninos. Ele contou como em um restaurante teve um chamado da natureza e, depois de irritadamente vasculhar seu livro de frases, descobriu que o italiano (literalmente) era “Onde ela pode fazer uma pequena água, por favor?”. Em resposta a isso, o garçom respondeu “Onde quer que ela goste”.

Conversamos sobre o *Beacon*, e ele me contou como Appleton tinha vindo contratá-lo. [67] Um dia, Appleton mostrou-lhe um poema e perguntou sua opinião. “Obsceno”, disse Barfield. Appleton mostrou-lhe outro: “Infame”, disse Barfield. Depois disso, eles não demoraram para se tornar amigos. Barfield parecia perfeitamente miserável e não esperava por nada. Esse caso de amor infeliz foi muito profundo, porque o tornou um verdadeiro poeta. Tenho certeza de que ele vai ser ótimo...

**Sábado, 6 de maio:** Fui à cidade depois do café da manhã para ver o dr. Allchin na 15 Beaumont St., sobre as lições para Maureen: descobri que ele estava ocupado até as doze. [68]

Tentei trabalhar em “Psyche” na Associação (não na nova métrica q. eu acho quase impossível) sem sucesso.

Encontrei Wallis, [69] P. O. Simpson e Blunt. Carritt parece ter se preocupado com as *collections* de todos. Wallis e Watling obtiveram  $\Gamma =$ . Voltei para Allchin às 12: foi organizado para que Maureen pud. ir até ele às 4h15 da próxima terça e, depois de ouvi-la, ele viria ver D. Um homenzinho simpático.

Lembrei-lhe do verão de 1917, quando ele era oficial do OTC e eu era cadete: ele ria das “coisas loucas que se tinha de fazer” — palestras sobre assuntos a respeito dos quais ninguém sabia nada etc.

**Domingo, 7 de maio:** Um verão repentino. Sentei-me no jardim, escrevendo uma passagem para uma nova versão de “Psyche” em verso branco, não sem algum sucesso...

Fui até a 14 Chadlington Rd., através do horror de North Oxford em um domingo quente: vilas, jardins, deslumbramento e roupas de domingo. Stevenson, sua esposa, sua filha Helen e um sujeito mudo chamado Mackay, de Magdalen: [70] almoço bastante agradável. Stevenson me disse — o que eu nunca ouvira antes — que o Mestre, em sua juventude, perdera uma bolsa de



estudos da Câmara por escrever um ensaio modernista sobre a Ressurreição: isso foi nos dias de Pusey. [71]

Nós nos sentamos no jardim depois do almoço. Stevenson falou de seu trabalho em Le Touquet durante a guerra, onde eles tinham uma confusão completa de especialistas em interpretação de código. Ele disse que, ao final, depois que as coisas sem valor foram eliminadas, passou a consistir inteiramente de estudiosos clássicos. Como um exemplo similar de habilidades estranhas usadas para fins de guerra, a sra. S. mencionou um pintor futurista que estava empregado em fazer navios “deslumbrantes”...

Cheguei em casa a tempo de encontrar D no jardim com o Doc, Mary e o Pirralho [Peony Askins]... Nós nos sentamos no jardim depois do jantar, D escrevendo cartas à luz da lua: uma noite de beleza extraordinária, mas um dia exaustivo. O Doc parece muito melhor, e com camisa cáqui, calça com cinto, chapéu que parecia uma fôrma de bolo, alfinete de gravata agindo como um botão (ele está sempre sem botões) era uma figura eloquente e característica.

Durante uma estada com os Walkers, eu tive uma conversa divertida com Ziman, que agora tem meus antigos aposentos, me dizendo o quanto ele não gosta de meu mau humor e como o velho George o encorajou para Mods. [72] dizendo que “o sr. Lewis conseguiu o primeiro lugar, e ele nunca trabalhou de jeito nenhum: ele sempre saía logo após o café da manhã”. [73]

**Segunda, 8 de maio:** Um dia escaldante com um vento leve. Comecei a trabalhar no jardim às 8h45 e continuei, fazendo anotações e memorizando, até a uma da tarde.

Fui para a cidade depois do almoço para os aposentos de Jenkin. Robson-Scott estava com ele quando cheguei. [74] Após sua partida, J. disse-me que ficara bastante surpreendido ao saber de minha remoção dos Martlets: ele tinha perdido uma reunião e ele se perguntava se os rapazes já tinham todos nos colocado de lado. Jenkin disse que iria a qualquer reunião com a qual ele se importasse, quer fosse ele um membro ou não. Ele me levou em sua canoa por um curto período de tempo...

Cheguei em casa por volta das 4 horas: chá no jardim e fiz uma análise de Kant, chegando até as “Anticipations of Experience” [Antecipações da experiência]. Memorizei isso depois do jantar, e também minhas anotações de Hist. Grega.

Um dia lindo. D muito abatida, seja de causas psicológicas ou que os efeitos do veneno da srta. Featherstone ainda permanecem.

**Terça, 9 de maio:** “Nimue” retornou de Squire (eles o chamam de Jeová C., eu descobri), com a habitual recusa impressa. Tudo isso é feito para que as Escrituras sejam cumpridas.

Outro dia glorioso. Comecei a trabalhar no jardim às 8h45: fiz mais algumas análises de Kant e algumas anotações de Tucídides. Assim que o sol entra pela janela do meu quarto, estou tentando o plano de fechar a janela e a porta e tirar as cortinas para nunca mais admitir ar quente: acho que é uma melhoria...

**Quarta, 10 de maio:** De volta ao tempo frio e à lareira. Trabalhei na Hist. Grega durante parte da manhã e, em seguida, fui para a cidade e fiz duas perguntas na União sobre condições nas escolas, uma de um periódico de História Romana e uma de um periódico de Lógica. Eu também comprei um chapéu panamá falso no Lane, na Queen St., por 5/11. É bonito e confortável e a melhor solução para o problema da insolação.

Encontrei Watling, que me disse que nossas aulas começam no dia 8 de junho. Eu peguei da biblioteca a tradução que Jowett fez dos sofistas e trabalhei nela depois do almoço. É sobre o Nada e o mais interessante: lindamente traduzido, mas em sua introdução, onde ele fala de filosofia, Jowett parece um tolo e um tolo autossatisfeito.

A srta. Featherstone ligou hoje e disse que fora convidada para hospedar-se com um amigo no verão e que não precisaríamos nos mudar a menos que fosse nossa escolha, o que é uma excelente notícia. Eu andei em Shotover depois do chá: está lindo agora e uma massa de abrunheiros. Eu estava pensando seriamente em como eu enfrentaria a perspectiva de ter de desistir da poesia, se viesse a ser preciso...

**Quinta, 11 de maio:** O tempo continuou invernal. Na cidade cedo e passei para ver Baker. Contei a ele sobre o retorno de “Nimue” e amaldiçoei Jeová C. Confessei um medo de que deve haver algo totalmente errado em nossa atitude: embora estivéssemos sempre prontos a admitir falhas nas coisas que J. C. devolveia, talvez estivéssemos realmente cegos para os méritos daquilo que ele aceitou, muito do que parece contemptível. Baker disse que não achava que fosse assim.

Ele me devolveu o primeiro Canto de “Dymer”, que eu havia deixado com ele. Sua fala sobre a maior parte foi encorajadora, especialmente o fim. Ele achava que algumas das partes irreverentes eram fracas e as duas primeiras estrofes eram entediadas, no que eu concordava com ele. Descobri que, além da performance com os profissionais do Palácio, a peça de Wycherley está sendo apresentada com amadores hoje à noite, sexta e sábado na Corn Exchange.

Eu, então, fui para a Univ. e vi Carritt. Eu o fiz explicar o que ele queria dizer com “atmosfera” em um papel de exame e perguntei quando ele o tinha feito: “Na verdade, senhor, você quer dizer blefe?” Ele concordou. Então eu fui para a aula de Stevenson. Watling, Wyllie, Blunt, Montagu, Hasting e Haig. Uma manhã desesperadamente monótona, mas não inútil.

Cheguei em casa por volta de meio dia e meia. Encontrei o Doc aqui e Maureen muito doente. O Doc disse a D que Cranny estava movendo céus e terra sobre a sua (do Doc) ordenação: mas que a ideia de que ele realmente desejava ser ordenado era principalmente uma ficção de Cranny. Muito típico!

Após o almoço, eu fiz, sob as condições da escola, um artigo de lógica que Carritt me dera, bem mais para minha própria satisfação, e descobri que três horas me davam bastante tempo livre...

**Sexta, 12 de maio:** ... Trabalhei em minha análise de Kant e depois em Hist. Grega até pouco antes do almoço; daí fui para a cidade a fim de ver se Jenkin viria ao espetáculo hoje à noite. Trabalhei de novo após o almoço, mas com dificuldade e achando difícil me concentrar.

Lady Gonner e sua sobrinha passaram por aqui e eu fui para outro quarto. O Doc esteve aqui duas vezes hoje: na primeira ocasião — antes do almoço — ele contou a D um caso sobre um graduando e uma graduanda que moram juntos em algum lugar da vizinhança. Como a história é apenas uma daquelas que “todo mundo sabe”, não precisa ser acreditada. É de se esperar que seja falsa, pois, quando o desastre vier, levará a muitos novos estatutos tolos para o resto de nós...

Eu vim para o jantar e voltei para esperar na fila da Corn Exchange. Ela consistia principalmente de meninas: esperávamos os portadores de ingressos. O mundo todo estava lá: notei Cyril Bailey, Lindsay, Joachim, Carritt, Curtis, Mary e Stead. [75] Grande empolgação foi causada pela chegada dos Asquiths: era mais uma alegoria política — todo mundo sussurrando “É a sra. Asquith”, e ninguém notou o pobre velho Asquith, uma figura gorda e flácida, parecendo John Bunny, saindo do carro atrás dela. Ela tinha cara de velha, com lábios finos e muito brilhantes, abanava seus dedos ossudos para alguém e era felina. [76]

O espetáculo foi, no geral, bom. Eu tive de ficar de pé. Allen regeu. [77] A música do primeiro balé era de um antigo livro virginal. [78] Do segundo, de Purcell, em torno do tema de uma peça de Wycherley: esse foi o melhor dos três — uma maravilhosa marionete louca como o quê — arrebatando completamente as pessoas. Baker excelente como sr. Formal: durante um intervalo, ouvi sua performance elogiada por um estranho de aparência teatral. A

música era deliciosa. Com a terceira, de Bach, eu não me importei tanto. O que mais me impressionou foi o fato de Barfield dançar nas passagens mais barulhentas: uma alegria impressionante, contagiante sobre ele, e você pensaria que ele nunca ficaria cansado. [79]...

**Domingo, 14 de maio:** ... Peguei um ônibus para a cidade e voltei para casa pouco após o almoço, tendo conseguido o *Magic* [Mágica], de G. K. Chesterton, e *Road to Endor* [Estrada para Endor], de Jones, da Associação.

Maureen levantou-se antes do almoço. D e eu nos sentamos na pequena alameda atrás das janelas francesas depois do almoço. Eu li *Magic* sem interrupção. Uma agradável pequena peça — não tenho certeza de que a entendi. Depois comecei a ler em voz alta *The Road to Endor* e continuei isso pelo resto do dia. [80] É o relato (agora famoso) da fuga de dois oficiais britânicos de Yosgad, na Ásia Menor, por meio do espiritismo falsificado. Nós dois gostamos muito. A ironia de ler isso e *Magic* no mesmo dia foi bastante involuntária...

**Segunda, 15 de maio:** Cheguei ao trabalho às 9h30 e tive uma boa manhã na Expedição Siciliana e memorizando.

Após o almoço, D leu para mim no *Times* o artigo memorial sobre Sir Walter Raleigh que acabou de morrer: Jenkin estava sempre cantando elogios a ele. [81] ...

Eu memorizei posteriormente. Enquanto estava na cidade, encontrei Poynton, [82] e ele me deu uma Prosa Latina para fazer, “como uma bola de teste”. [83] Ele disse que só teria tempo para um e então “você poderia muito bem colocar todas as suas asneiras nisso”. Depois do jantar eu trabalhei no Sofista e comecei a prosa que é interessante.

D mal esta noite.

**Terça, 16 de maio:** Um dia ocioso. Comecei a trabalhar depois do café da manhã, mas logo fui à cidade para conhecer a *History of Sicily* [História da Sicília], de Freeland.

Visitei Baker e bebemos um pouco de xerez. Ele estava ensaiando em Londres no sábado e almoçou com Ellen Terry: depois ele teve uma boa conversa com Edith Craig no apartamento dela e ela disse que poderia conseguir um emprego para ele no Old Vic. Também foi-lhe prometida uma parte na próxima peça de M. Harvey. Perguntei se não era necessário passar por uma escola técnica: ele disse que isso se aplicava mais a meninas. Também falamos muito sobre “Dymer”. Eu combinei caminhar com ele esta tarde...

Baker veio a mim logo após o almoço, e nós subimos em nossas bicicletas até Shotover e sentamos lá. Ele está tentando convencer Barfield a ir ao palco da sala de música. Eu ri com vontade ao pensar em meus dois principais amigos literários terminando ambos nos palcos...

Depois do chá, até quase 7h, Baker e eu tivemos uma conversa próxima e boa outra vez sobre “Dymer”. Concordamos que o grande objetivo era manter o MITO verdadeiro e introduzir como pequena invenção ou alegoria consciente quanto pudesse ser. Ele está particularmente muito interessado na escuridão da passagem em que Dymer encontra a garota e se opõe a qualquer coisa como um diálogo. Nós cancelamos entre nós a excelente ideia de fazer da bruxa uma “matriarca”. Tudo me deixou muito interessado e ansioso por poder para fazer o que precisa ser feito...

**Quarta, 17 de maio:** Trabalhei na Hist. Grega — sem muita energia nem interesse — toda a manhã.

Um dia suave, úmido, como eu gosto. O Doc veio ver Maureen por alguns minutos antes do almoço. Trabalhei novamente até a hora do chá. A sra. Raymond veio para o chá.

Eu fui à cidade para minha aula sob a tutoria de Carritt: ele disse que não havia vaga adequada para mim e me aconselhou fortemente a permanecer mais um ano. Li o artigo que fiz para ele e ele o aprovou. Ele fez algumas observações interessantes sobre a teoria dos universais de Croce. Os conceitos verdadeiros (Verdade, Beleza etc.) são imanentes, transcendentais: os matemáticos são *apenas* transcendentais — isto é, eles não têm particulares; os pseudoconceitos são apenas imanentes, ou seja, são meros agrupamentos arbitrários de particulares. Ele também chamou minha atenção para a diferença entre os primeiros e os posteriores pontos de vista de Kant sobre os Noumena, que eu devo procurar. Eu encontrei Blunt, que me disse que está começando a ler Tucídides pela primeira vez!

Esqueci de mencionar um sonho curioso que tive nas primeiras horas desta manhã: — Baker e eu estávamos andando em um campo quando de repente apareceu do nada um touro enorme com características sexuais exageradas, vindo muito rápido. Saltamos por cima de uma cerca alta e eu machuquei a perna. Soa verdadeiramente psicanalítico...

**Quinta, 18 de maio:** Hoje e ontem D tomou café da manhã na cama, pois as pernas não estão muito bem e precisam de ainda mais descanso...

Trabalhei na sala de jantar do almoço até o chá... Depois passei por Iffley, cruzei o dique e segui ao longo dos prados. Fiquei maravilhosamente feliz por

um curto período de tempo. Um dia ventoso e tempestuoso: o rio cheio de ondas agitadas e tudo de um brilho incomum.

Depois do jantar, escrevi uma longa carta para casa, explicando minha posição e propondo ficar por mais um ano. [84]

**Sexta, 19 de maio:** Uma manhã úmida: trabalhei na Revolução dos 400, comparando Tucídides com Aristóteles.

Após o almoço, fui para Oxford com uma vaga ideia de enviar um novo projeto para um periódico. Ao procurar Baker para obter o endereço de *Youth* encontrei-o ansioso por causa de meu conselho. Ele deve ir ao Old Vic. para uma audição algum dia em breve e estava tentando escolher quais linhas ele vai declamar...

Depois do chá, voltei ao colégio e procurei o Larápio. [85] Ele tinha acabado de receber uma carta do “sr. Wyllie” pedindo-lhe que recomendasse alguém para uma bolsa de estudos por um ano na Cornell University (estado de Nova York). Ele disse que eu era a única pessoa que ele gostaria de indicar: mas como o dinheiro, apesar de adequado para o ano lá fora, não incluía as despesas de viagem, dificilmente seria considerado. Nós então falamos de meus planos. Ele disse que eram passado os dias quando alguém podia sair das Escolas para uma Irmandade: mesmo em universidades menores havia uma demanda por homens que haviam feito alguma coisa, e isso havia sido intensificado em Oxford pela Comissão Real.

Ele me aconselhou, no entanto, a manter o ano extra. Ele disse que o College era muito dispendioso, mas que ele achava que eles poderiam fazer um arranjo a fim de continuar minha bolsa de estudos. Perguntei-lhe se, caso eu “fracassasse em Greats”, ele ainda aconselharia o ano extra, e ele disse que sim. Ele disse que eu deveria tentar obter outro prêmio da Universidade: e que havia possibilidades nos trabalhos de Extensão Universitária. Agradei a gentileza dele. Um velho querido, mas a inesgotável loquacidade da idade instruída me levou à “Cidade e Universidade” para recuperar-se com uma Guinness.

Uma longa conversa com D depois do jantar, contando sobre os velhos tempos, Tubbs, srta. Cowie etc. [86]

Depois comecei em meu próximo artigo para Carritt e fiz 45 min. Um surto de feminismo de Maureen durante o jantar sobre a “vida mais fácil” dos homens: D acha que não havia conhecimento por trás disso — apenas que era interessante.

**Sábado, 20 de maio:** Trabalhei de manhã nos antigos Ática e Sólon. Após o almoço, fui à Associação e peguei *The Admirable Crichton* [O admirável

Crichton]: [87] depois, viajei além de Marston com a ideia de ir a Beckley e ver Barfield.

Eu o encontrei, no entanto, um pouco além da aldeia, andando com uma mala, enquanto ele estava indo para o baile do All Souls. Depois de tentar em vão entrar em um *pub*, fomos para um campo e nos sentamos. Ele recentemente viu *Peer Gynt* no Old Vic. A tradução de Archer em um tipo de métrica Hiawatha, que ele diz ser muito eficaz no diálogo. Parabenizei-o por sua dança: ele está pensando seriamente nos “Halls”. Ele não sabia quando eu deveria receber as provas de “Joy”. Combinei de almoçar com ele no Old Oak às 13h da próxima quarta.

Em casa para o chá, onde encontrei o Doc e Mary que logo foram praticar esportes escolares com Maureen. Durante o resto do dia, trabalhei no segundo Canto de “Dymer”, com prazer maravilhoso. Uma noite muito quente com um prateado céu coberto por pequenas nuvens: nós jantamos no jardim.

**Domingo, 21 de maio:** Um dia ardente e quente. Fui para a Merton St. depois do café da manhã e chamei Jenkin. Nós, então, pedalamos por Marston para Elsfield e Beckley, onde nós passamos pela Bee Cottage. Barfield estava fora, mas Harwood nos deu água e descansamos por um tempo. [88] Jenkin combinou de voltar lá para o almoço e eu deixei o 1º Canto de “Dymer” para as críticas de Barfield.

Continuamos nossa jornada descendo de Beckley, o objetivo sendo Joseph’s Stone: mas, depois de passar por uma região muito ruim de brejo, por sulcos de lama petrificada, chegamos a um pântano péssimo, de baixa altitude, e tivemos de parar. Jenkin subiu em um carvalho.

Ele disse que nunca poderia gostar de Harwood — ele sempre achou algo condescendente em seus modos. Eu disse que isso era apenas uma voz e um rosto sem sorte. Baker teve o mesmo problema, e Barfield costumava ficar muito bravo com ele por causa disso.

Hoje, pela primeira vez desde que o conheço, Jenkin queixou-se amargamente da séria doença que sempre se manifesta em todas as atividades físicas e mentais que ele pratica. Mal sabia como responder a ele, mas parabenizei-o, apesar de tudo, por ter-se recusado a ser um valetudinário...

**Segunda, 22 de maio:** Um dia quente e sufocante. De ônibus para o College, de acordo com uma nota que chegou no café da manhã, e paguei a Farquharson £5 de taxa de entrada para os Cursos do College. [89] Saí e vi Allchin, combinando com que Maureen o visse às 3h30 da próxima sexta. Cheguei em

casa e trabalhei, terminando minhas anotações sobre Sólon. O Doc esteve no jardim com D a maior parte da manhã.

Após o almoço, fui de ônibus até Wadham e vi Baker. Ele teve duas horas com Bernice de Bergerac preparatórias para sua audição e está fazendo os discursos de Romeu antes da entrada do farmacêutico...

Eu então contei a ele meu sonho sobre o touro e isso levou a uma longa conversa sobre psicanálise...

Cheguei em casa e encontrei um telegrama de P[apai] dizendo “Permaneça” em resposta a minha carta. Isso é realmente muito decente bem cerimonioso [*sic*]...

**Terça, 23 de maio:** Trabalhei a manhã toda na alameda, memorizando as anotações de Hist. Grega. Mary e o Doc ligaram.

Após o almoço, fui de ônibus até Oxford, tirei *Essence of Aesthetic* [Essência da estética], de Croce, da Associação e caminhei para me banhar no Parson's Pleasure. <sup>[90]</sup> Quando entrei, eu encontrei Wyllie saindo: nós lamentamos ter deixado de lado um ao outro e combinamos de nos banharmos juntos no futuro. Um belo banho (água 17 graus), mas muito lotado. Em meio a tanta nudez, fiquei interessado em notar a passagem da minha própria geração: há dois anos, a cada dois homens um tinha uma marca de ferimento, mas eu não vi uma hoje.

Cheguei em casa e tomei chá no jardim e depois terminei o artigo para Carritt, o tempo obrigando-me a terminar no meio de uma frase. Eu terminei o Croce: um livro difícil e provocativo. As diferentes atividades dos espíritos aparentemente crescem umas nas outras em um ciclo. Emoção leva à imagem, e quando nós fazemos a imagem nós queremos entender: a partir do entendimento nos voltamos para a ação, que leva à nova emoção, e o ciclo se repete. Ele assume a irrealidade da matéria, considerando-a como nós consideramos a notícia “Rainha Anne está morta”.

D melhor hoje. Cedo para a cama. Depois de chegar do jardim, escrevi uma estrofe “gastronômica” de “Dymer”.

**Quarta, 24 de maio:** ... Saí de casa por volta das 12h45 e fui de ônibus para Oxford, encontrando Barfield fora do Old Oak. Depois de achar uma mesa, decidimos ir para Good Luck em vez de ficar. Um excelente almoço, os sorvetes sendo particularmente bons e tendo, como diz Barfield, a verdadeira manteiga como consistência.

Dali nós caminhamos para os jardins de Wadham e sentamos debaixo das árvores. Começamos com os sonhos de Christina: eu os condenava — o sonho de amor tornou um homem incapaz de amor verdadeiro, o sonho de herói fez



dele um covarde. Ele tomou a opinião oposta e um argumento teimoso se seguiu.

Depois, voltamos para “Dymer”, que ele trouxera de volta: para minha surpresa, seu veredito foi ainda mais favorável do que o de Baker. Ele disse que era “de longe” a melhor coisa que eu fiz, e “Eu posso ficar com isso?” Ele não sentiu a fraqueza das estrofes mais leves. Ele disse que Harwood tinha “dançado com alegria” e me aconselhado a abandonar todo o resto e seguir em frente com isso. De um crítico tão severo quanto Barfield, o resultado foi muito encorajador. Em seguida, chegamos a uma longa conversa sobre as coisas derradeiras. Como eu, ele não acredita na imortalidade etc., e sempre sente o pessimismo materialista ao seu alcance.

Ele é muito infeliz. Ele disse, no entanto, que os “fatos concretos” que nos preocupavam poderiam, para a posteridade, parecer meros preconceitos de *siècle*, como os “fatos” de Dante parecem a nós. Nossa doença, eu disse, era na verdade uma doença vitoriana. A conversa girou por muitos tópicos e por fim morreu porque era impossível manter um tribunal entre dois advogados do diabo.

Os jardins estavam esplendorosos — lilás e castanha magníficos. Acho que os jardins de Wadham encaixam muito bem em minha imagem da ilha da Acrásia. Andei com ele até Magdalen, dei uma volta nos claustros e depois voltei à casa para o chá.

Isso nós tivemos no jardim, sendo repentinamente postos em fuga por uma tempestade. Voltei para Carritt às 5h45 e li para ele meu artigo. Discussão interessante: ele estava em sua linha usual de correto sem relação com o bem, que é irrefutável: mas, assim é o outro lado.

Encontrei uma carta breve de P. no College confirmando seu telegrama. Eu não sei por que, mas algo nela foi inquietante para mim.

Cheguei em casa e encontrei o Doc, que estava aqui. Parece haver algum risco de que a dor no braço de D possa ser de veias rompendo em um novo lugar. Notícias horríveis!...

**Quinta, 25 de maio:** ... trabalhei duro na memorização pela manhã. O Doc chegou pouco antes do almoço e examinou o braço e o ombro de D, que estão muito inchados, embora menos doloridos do que ontem. Ele disse que não iria se encarregar do caso da própria irmã e que, se ela não melhorasse em poucos dias, deveríamos procurar um médico. Ele admitiu que pode ser um monte de coisas desagradáveis. Ele e D tinham mais medo de trombose ou de um tumor “benigno”. Por outro lado, pode ser meramente muscular. Essa é nossa razão de emergência de esperança...

D e Baker estavam discutindo minha ida para a Irlanda quando cheguei. Baker a princípio depreciou “colocar minha cabeça na boca do leão”. Eu disse que eu não omiti minha estadia por causa do perigo, quando meu pai e meu irmão estavam lá: especialmente com coisas desagradáveis começando com “eu tinha esperança” e terminando com “longe de mim” não só poderiam, mas seriam ditas. Claro que é verdade que tive minha cota de ser baleado em maior medida do que eles — mas o que se pode fazer? Baker por fim concordou comigo. Ele disse que eu pod. ir para o Larápio e Truslove se eu quisesse algum trabalho de tutoria em setembro...

**Sexta, 26 de maio:** Muito mais tranquilo hoje. Fui de ônibus para Oxford depois do café da manhã e entreguei um teste de tradução de Hist. Grega sob condições escolares na Associação. Cheguei em casa pouco depois das doze. Maureen fora para o almoço (que, diga-se de passagem, foi um de nossos melhores, linguado frito, batatas novas e aspargos). Li *Theory of the State* [Teoria do Estado], de Bosanquet, à tarde: um livro atraente no geral.

O Doc e a sra. Stevenson vieram tomar chá. Ela estava tão animada quanto uma bola de tênis em uma quadra de cimento e cantava elogios ao sr. Clarke. D aconselhou-a a casar com ele, principalmente pela casa.

Uma conversa animada entre o Doc e a sra. S. sobre espiritismo. D se retirou quando sentiu que não poderia se abster de interrupções céticas. Eu estava menos gentil e perguntei por que os fantasmas sempre falavam como se pertencessem à classe média baixa. Conversamos um pouco de psicanálise, condenando Freud...

Depois do jantar, comecei a ler *Queen Victoria* [Rainha Vitória], de Strachey, para D. Um céu muito lindo esta noite. O braço de D estava muito menos inchado hoje e muito pouca dor [*sic*]: o Doc parecia ter recebido um encorajamento ao ver isso. Ficou até tarde falando: uma conversa memorável.

**Sábado, 27 de maio:** ... Eu liguei para Stevenson e pedi que ele me avisasse de qualquer trabalho tutorial para as férias do qual ele ouvisse falar. Eu então liguei para Carritt e fiz o mesmo pedido a ele. Ele também prometeu dar meu nome ao *Manchester Guardian* para alguma resenha. No decorrer da manhã, encontrei Blunt, que disse ter certeza de que poderia me conseguir um menino da escola de Lynham para eu ser professor particular, já que ele é um OD e muitas vezes está lá.

Eu também visitei Williams, que é o agente local da Trueman & Knightley: ele me deu um formulário e disse que, ao restringir o campo para Oxford, reduzi minhas chances, mas que se houvesse alguma coisa, minhas qualificações

atenderiam. Ele também me aconselhou a colocar um anúncio no *Oxford Times*...

Após o almoço, eu trabalhei em “Dymer” no jardim: fui de bicicleta para a cidade depois de chá e banhei-me (água 20 graus). Alguns rapazolas ali, que, mesmo nus, eu adivinhei serem cadetes de Sandhurst ou oficiais muito jovens. Eles conduziram o tipo de conversa que prossegue teoricamente com base no princípio de que não importa quantos malditos civis estejam ouvindo, mas da qual toda palavra, na prática, é proferida em benefício dos espectadores.

Como Harwood, a quem encontrei do lado de fora, disse: “Você pode vê-los olhando pelos cantos dos olhos para ver se você os está admirando.”... Ele elogiou “Dymer” bem extravagantemente...

**Segunda, 29 de maio:** Após o almoço, pedalei até a cidade e fui a Baker: de imediato, fomos para os jardins de Wadham... Eu comecei de imediato a falar de minhas dificuldades com a passagem erótica em “Dymer”. Eu disse a ele que estava colocando folhas largas e caules úmidos atraentes: ele disse que isso alterou de seu ponto de vista o simbolismo e fez dela autoerótica. Ele foi tranquilizado quando eu falei a ele sobre o aroma.

Ele me contou uma boa história sobre como ele havia acordado Pasley no hospital uma noite e dito “Eu pensei em uma boa frase”. Pasley grunhiu e disse que boas frases eram um maldito incômodo, já que alguém estava sempre tentando escrever poemas em volta delas. Passados alguns dias, Baker mostrou-me um poema. “Excelente”, disse Pasley, “mas eu deixaria esse trechinho de fora”. “Esse trechinho” era, naturalmente, a boa frase...

Depois do chá, eu tive de ir ver a srta. Wiblin de 43, Hamilton Rd. Allchin nos enviara uma carta recomendando-a para ensinar técnica a Maureen até que ele tivesse uma vaga para ela. Ele falou encorajadoramente dos talentos naturais dela. [91]

Jantar de ovos cozidos, ameixas e creme no jardim. Todos nós decidimos que era a única refeição para este tempo. Depois, Mary e o Doc ligaram. Entrei em casa e trabalhei em minha prosa latina. Estamos sentados na sala de jantar esta noite.

## *Junho*

**Quinta, 1º de junho:** ... No College, encontrei um bilhete de Carritt me dizendo que Farquharson achava que ele poderia me arrumar um emprego em

Oxford durante as férias e também chamando minha atenção para um cargo de pesquisador em Magdalen por meio de exame, na *Gazette* de hoje.

Eu então procurei Baker e dei a ele o novo “Dymer”. Ele descreveu a cegueira habitual com o qual Wadham celebrava o fim dos Oitavos [anos] — todos os assentos de madeira retirados das latrinas, é claro, e queimados. Ele concordou comigo que isso representava energia reprimida e falta de originalidade.

Eu voltei e vi Farquharson: ele acha que pode me conseguir uma boa tutoria com algumas pessoas em Boar’s Hill. Nós discutimos meus planos. Ele disse que gostaria que o College me mandasse para a Alemanha por um ano. Eu gostaria que esse homem não fosse tão cheio de lábia. Quando perguntei se ele tinha alguns minutos de sobra, ele disse que nunca estava ocupado demais para *me* ver. Velho bobo!

Eu o deixei, cortei o cabelo, voltei para casa e tomei um banho frio. Trabalhei na sala de visitas, que era mais arejada, depois do almoço. Chá no jardim e ao Parson’s Pleasure para um banho — perturbado por pessoas com uma bola de futebol. Percebo que a flor da castanha está quase acabando agora.

Depois do jantar, li Heitland, indo para meu próprio quarto, quando Mary e o Doc apareceram. Quando estava escuro, saí e conversei com ele sozinho no jardim. Começando com o canibalismo sexual nos insetos (que ele comparou com o sadismo) e, dali, passando à perversão em geral, acabamos nos “feitos às cegas”, anedotas e na filosofia geral de ficar bêbado...

**Sexta, 2 de junho:** Mais fresco pela manhã. Trabalhei bastante na Hist. Grega e comecei a revisar a Romana — que pareço reter bem — do café da manhã ao almoço. D ocupada fazendo bolos: Maureen fora para o almoço.

Troquei de roupa e fui para a luta do chá de Baker por volta de 3h45. [92]

Houve alguma conversa antes de seus convidados chegarem. Ele ficou muito satisfeito com o novo canto em geral, mas disse que “se alimentar de vaidosa fantasia” era indesculpável e que as duas estrofes antes da última eram “simplesmente horríveis”...

**Sábado, 3 de junho:** ... Eu li, na Associação, o prefácio e alguns dos poemas do novo livro de Hardy: o prefácio escrito em sentenças tão tensas e intrincadas que eu mal conseguia entendê-lo — um ou dois dos poemas eram magníficos.

Eu também examinei um exemplar de *Conferências introdutórias à psicanálise*, de Freud, que está entre os novos livros: tenho um novo ponto de vista sobre a perversão, q. ficou na minha cabeça: qual seja, que ela é sempre a substituição de alguns detalhes menores pelo ato em si. Dúvida: do ponto de vista comparativamente naturalista, todo o amor humano é, em oposição ao mero

apetite, uma enorme perversão? ... Peguei o *World of Dreams* [O mundo de sonhos], de Havelock Ellis, da Associação e voltei para casa.

No jardim, depois do almoço, li Spenser — o belo canto sobre Phaedria. Sheila Gonner veio para o chá: Jenkin chegou um pouco mais tarde. Todos nos sentamos para o chá e, como diz Bozzy, estávamos com estado de espírito extraordinário quando a srta. Wiblin chegou — uma mulher gorda, rasa, tímida e risonha. [93] Uma refeição muito insana — o que a estranha pensou de nós não posso imaginar.

Quando as coisas se acalmaram, Jenkin pediu-me que fosse ao rio: então caminhou até a Magdalen Bridge e dali subiu o Cher em sua canoa. Rio bastante vazio e deliciosamente agradável sob uma suave luz noturna. Ele citou com aprovação as observações do sr. Scrogan no *Chrome Yellow* [Cromo amarelo], de Huxley, sobre a sexualidade “séria” moderna. Nós falamos de *Don Juan*: ele estava em êxtase em elogios aos cantos de Haidée — disse que estava prestes a desfalecer por causa deles. Ele disse que ninguém tinha vivido se não houvesse estado na ilha de Haidée. Eu disse da mesma forma que ninguém tinha vivido se não houvesse feito mil outras coisas e era preciso omitir algumas. Ele é fortemente obcecado pelo moderno — e antigo — ideal de ter todas as experiências. Nós também falamos dos horrores do casamento. Ele também estava preocupado em defender as dificuldades da English School contra o prestígio exagerado dos Greats...

**Domingo, 4 de junho:** ... Eu li o livro sobre sonhos de Havelock Ellis. Ele os desenvolve principalmente como eventos fisiológicos simbolizados em imagem — ou melhor, o físico causa a emoção, que então inventa um símbolo e o centro superior procede a “logicalizar” esses símbolos em um mundo, e assim o sonho é feito. Ele não é de modo algum um freudiano. (Comentário referente a uma nota de rodapé a *Studies in Psicologia do sexo*, de Ellis, vol. III, capítulo sobre “Amor e dor”.)

Maureen está muito deprimida hoje. Depois do jantar, sentou-se por muito tempo lá fora conversando sobre os antigos dias de 1917: de Somerville, e por que ele era um estrito anglo-católico e ainda se juntou em zombar da religião — de Brand na sala abaixo de Paddy e de mim, e seu repugnante amigo — de Sutton etc. [94]...

**Segunda, 5 de junho:** ... Eu... caminhei para Cornmarket... e fui até a sra. McNeill e Janie, que estão hospedadas no Oxenford Hotel. Eu prometi ir até elas na tarde de quarta. [95]...